

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

VALBER LAZARO NAZARETH

ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS:
Pedagogia de ensino a partir das dimensões
e contexto da modalidade

Campinas
2009

VALBER LAZARO NAZARETH

**ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS:
Pedagogia de ensino a partir das dimensões
e contexto da modalidade**

Tese de doutorado apresentado à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Edison Duarte

**Campinas
2009**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

N236e Nazareth, Valber Lazaro.
Esgrima em cadeira de rodas: pedagogia de ensino a partir das dimensões e contexto da modalidade / Valber Lazaro Nazareth. - Campinas, SP: [s.n], 2009.

Orientadores: Edison Duarte
Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esportes em cadeira de rodas. 2. Esgrima. 3. Atividade física para deficientes. 4. Deficiência física. 5. Ensino-aprendizagem. I. Duarte, Edison. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Wheelchair fencing: teaching pedagogy from the context dimensions of the modality.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Wheelchair fencing. Adapted physical activity. Physical deficiency. Teaching.

Área de Concentração: Atividade Física Adaptada.

Titulação: Doutorado em Educação Física.

Banca Examinadora: Edison Duarte. Ruth Eugênia Amarante Cidade. José Julio Gavião de Almeida. Alberto Martins da Costa. Roberto Rodrigues Paes.

Data da defesa: 05/10/2009.

VALBER LAZARO NAZARETH

**ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS:
Pedagogia de ensino a partir das dimensões
e contexto da modalidade**

Este exemplar corresponde à redação final da
Tese de Doutorado defendida por Valber
Lazaro Nazareth e aprovada pela Comissão
Julgadora em: 05/10//2009



Edison Duarte
Orientador

**Campinas
2009**

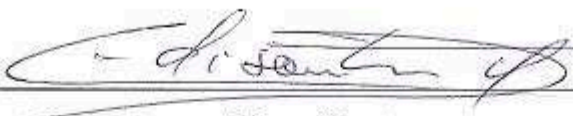
NAZARETH, Valber Lazaro. **Wheelchair fencing: teaching pedagogy from the context dimensions of the modality**. 2009, 149 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

Wheelchair Fencing begins by the adaptation of the equipment structures and organization from Conventional Fencing in order to make viable the practice of the modality by handicapped people. Although it is a “new” model of Fencing in an adapted way, the Wheelchair Fencing is not different from Conventional Fencing regarding to the weapons game in the ambit of the sportive duel. But because of the fact of the handicapped person presents a differentiated functional condition, it ended by creating some particular and exclusive characteristics of the technical movement execution in Fencing. Facing this factor we deduce that thinking the Fencing teaching to handicapped person only by the models of the common methods of Conventional Fencing in a certain way it can limit the learning conditions of these individuals in this modality. There comes the importance of the methods of teaching Wheelchair Fencing are structured from the dimensions and reality from the own adapted modality and functional condition of the handicapped athlete and not the other way around. Having the focus in the teaching pedagogy and developing itself under the perspective of a qualitative study the present investigation had as its aim characterize the Wheelchair Fencing aiming for pedagogical indicators to the teaching intervention in the modality. In this way the corpus of the study discussion was developed from three foci: The first one, *Fencing in Brazil (2002 to 2008)* broaches the historical process of development of this modality in Brazil from its implantation in 2002. The second, *Characteristics of wheelchair fencing* searches for delineating the particularities of the development of the equipments and games, as well as some characteristics that define the handicapped practitioner. The third and last chapter *Pedagogy of teaching in wheelchair fencing* presents the basic bases of the modality with pedagogical orientations to initiate the handicapped student.

Keywords: Wheelchair fencing; Adapted Physical Activity; Physical deficiency; Teaching

COMISSÃO JULGADORA

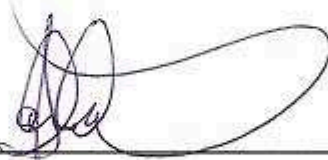


Edison Duarte

Orientador



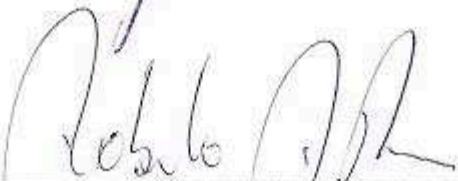
Ruth Eugênia Amarante Cidade



José Júlio Gavião de Almeida



Alberto Martins da Costa



Roberto Rodrigues Paes

Dedico este estudo

“Deixei de ter medo da vida quando você nasceu, pois somente a partir de então pude, definitivamente, sentir a brisa e a paz de não estar mais sozinho no mundo.”

Ao meu filho João Victor Urvaneja Nazareth

A minha grande companheira e amiga Luciane Maris Urvaneja Nazareth que sempre está ao meu lado com sua profunda bondade, paciência e amor. Amo muito você.

A pessoa que me ensinou amorosamente os primeiros passos da arte das armas brancas:

Mestre D’Armas Hugo Mattos (in memorian).

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos Professores,

Dr. Edison Duarte, pela orientação segura e pontual, além da constante disponibilidade para me socorrer e ajudar nos momentos mais difíceis desta jornada acadêmica.

Como pessoa, um grande amigo, sensível e poeta da vida.

Dr. Xavier Iglesias Reig pelas suas orientações e contribuições para o estudo, no âmbito da Esgrima, durante o meu estágio de doutorado no Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha – INEFC, em Barcelona, no ano de 2006.

Particularmente um grande Mestre D’Armas e um homem admirável pela humildade e saber.

Ao Mestre D’Armas *Jean Deleplancque*, técnico da equipe francesa de esgrima em cadeira de rodas pelas orientações e apoio nos projetos de desenvolvimento da esgrima no Brasil.

Um grande mestre e exemplo de pessoa a ser seguida pela experiência e visão humanista de mundo.

A realização deste trabalho somente foi possível graças à contribuição direta e indireta de várias pessoas, por esta razão agradeço,

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio obtido para realização do Estágio de Doutorado no Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha – INEFC, no ano de 2006, por meio do Programa de Doutorado no País, com Estágio no Exterior – PDEE.

A minha grande família, meus pais: Sr. Marcos e Maria Virginia Trevizani Martins, e grandes irmãos Gabriela e Marco. Obrigado por sempre me incentivarem e acreditarem nos meus projetos de vida.

Aos meus amigos e professores da Faculdade de Educação Física da Unicamp, em especial aos do Departamento dos Estudos da Atividade Física Adaptada.

Ao Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida (UNICAMP), pelos conselhos para minha vida acadêmica e confiança no meu trabalho.

Aos amigos do Laboratório de Fisiologia do Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha – INEFC, Professores Xavier Iglesias Reig, Lisímaco Vallejo, Daniel Ranz e Sergio Rodríguez

A Academia da Força Aérea – AFA, Professores e Oficiais da Divisão de Ensino e da Seção de Educação Física, pelo incentivo durante todo este período de vida acadêmica.

Aos meus queridos alunos de Esgrima da Academia da Força Aérea - AFA, em especial cadetes Aline Brêtas, Dominic Ramos, Renata Fernandes, Caio Cesar de Oliveira, Renan Leão, Bruno Hossell (Turma 2006), pela ajuda no controle da Sala D'armas durante as minhas dispensas do doutorado e incentivo no meu estudo. Aprendi muito com vocês!

Aos atletas da Esgrima em cadeira de rodas do Brasil e da Espanha pela paciência e disponibilidade para responder a todas as minhas perguntas e questionários.

Ao Mestre D'Armas Padilha e seus atletas do Clube SAN de Barcelona, à Federação de Esgrima da Catalunha, pela acolhida e disponibilidade para ajudar-me nas necessidades, em relação ao desenvolvimento do estudo.

Aos funcionários da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, principalmente os da Pós-graduação e da Biblioteca, pela paciência e sempre estarem solícitos para solucionar as minhas dúvidas.

MUITO OBRIGADO A TODOS!

NAZARETH, Valber Lazaro. **Esgrima em cadeira de rodas: Pedagogia de ensino a partir das dimensões e contexto da modalidade**. 2009, 149 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

A Esgrima em Cadeira de Rodas nasce por meio da adaptação das estruturas de equipamentos e organização da Esgrima Convencional, com o fim de viabilizar a prática da modalidade por pessoas com deficiência física. Apesar de se tratar de um “novo” modelo de Esgrima em forma adaptada, a Esgrima em Cadeira de Rodas não se diferencia da Esgrima Convencional, no que concerne ao jogo das armas, no âmbito do duelo esportivo. No entanto, devido ao fato da pessoa com deficiência apresentar uma condição funcional diferenciada, isso terminou por criar algumas características particulares e exclusivas de realização do movimento técnico na Esgrima. Diante de tal fator, deduzimos que pensar o ensino da Esgrima para pessoa com deficiência física somente pela ótica dos métodos comuns a Esgrima Convencional, em certa medida, pode limitar as condições de aprendizado destes indivíduos, nessa modalidade. Daí a importância dos métodos de ensino na Esgrima em Cadeira de Rodas serem estruturados a partir das dimensões e realidade da própria modalidade adaptada e condição funcional do aluno com deficiência e não o inverso. Tendo em foco a pedagogia de ensino e desenvolvendo-se sob a perspectiva de um estudo do tipo qualitativo, a presente investigação teve por objetivo caracterizar a Esgrima em Cadeira de Rodas visando propor indicadores pedagógicos para intervenção de ensino, na modalidade. Para tanto, o corpo de discussão do estudo foi desenvolvido a partir de três focos: o primeiro, *Esgrima em cadeira de rodas no Brasil (2002 a 2008)*, aborda o processo histórico de desenvolvimento desta modalidade no país, a partir de sua implantação no ano 2002. O segundo: *Características da Esgrima em cadeira de rodas*, busca delinear as particularidades de desenvolvimento dos equipamentos e jogos, bem como algumas características que definem o praticante com deficiência. O terceiro e último Capítulo: *Pedagogia de ensino na Esgrima em cadeira de rodas*, apresenta os fundamentos básicos da modalidade, com orientações pedagógicas para a iniciação do aluno com deficiência física.

Palavras-Chaves: Esgrima em Cadeira de Rodas; Atividade Física Adaptada; Deficiência Física; Ensino-Aprendizagem.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Delegação brasileira na Copa do Mundo de Lonato, Itália em 2003	56
FIGURA 2 - Seminário de Capacitação em Esgrima em Cadeira de Rodas de 2004	57
FIGURA 3 - Delegação brasileira na Copa do Mundo de Varsóvia	59
FIGURA 4 - III Campeonato Brasileiro de 2007 na cidade de Curitiba, PR	59
FIGURA 5 - IV Campeonato Brasileiro de 2008 na cidade de Curitiba, PR.	60
FIGURA 6 - I Estágio de Treinamento e Capacitação, Curitiba, Paraná, 2008	61
FIGURA 7 - Modelo de caracterização da esgrima em cadeira de rodas	69
FIGURA 8 - Equipamentos específicos da esgrima em cadeira de rodas	74
FIGURA 9 - Fixador de cadeira de rodas de fibra de carbono	75
FIGURA 10 - Linhas imaginárias de definição da distância nas três armas da esgrima	76
FIGURA 11 - Cadeira de rodas da esgrima, face oposta a mão armada com apoio	77
FIGURA 12 - Cadeira de rodas da esgrima, face da mão armada sem o respaldo	78
FIGURA 13 - Barra de apoio para mão desarmada	79
FIGURA 14 - Situação de esgrimista com amputação de punho e perna	80
FIGURA 15 - Adaptação realizada sobre a estrutura da luva	80
FIGURA 16 - Adaptação realizada no pedal da cadeira	81
FIGURA 17 - Condição na qual se posiciona o árbitro durante o assalto na ECR	82
FIGURA 18 - Aula coletiva de esgrima	82
FIGURA 19 - Guarda de esgrima	87
FIGURA 20 - Aula individual	105
FIGURA 21 - Aula coletiva	106
FIGURA 22 - Forma de trabalho no desenho Aluno-mestre x aluno	107
FIGURA 23 - Aula coletiva na perspectiva interativa	108
FIGURA 24 - Posição clássica do punho anatômico sem a necessidade de adaptação	110
FIGURA 25 - Adaptação da luva de esgrima	110
FIGURA 26 - Fixação da mão ao punho com cordão	110
FIGURA 27 - Guarda clássica da esgrima em cadeira de rodas	111
FIGURA 28 - Afundo na posição 1	112

FIGURA 29 - Afundo na posição 2	112
FIGURA 30 - Afundo na posição 3	112
FIGURA 31 - Retorno a guarda na posição 1	113
FIGURA 32 - Retorno a guarda na posição 2	113
FIGURA 33 - Retorno a guarda na posição 3	113
FIGURA 34 - Retorno a guarda na posição 4	113
FIGURA 35 - Inclinação atrás na posição 1	114
FIGURA 36 - Inclinação atrás na posição 2	114
FIGURA 37 - Inclinação atrás na posição 3	114
FIGURA 38 - Inclinação frontal na posição 1	115
FIGURA 39 - Inclinação frontal na posição 2	115
FIGURA 40 - Inclinação frontal na posição 3	115
FIGURA 41 - As linhas de esgrima	116
FIGURA 42 - Posição de 6°	117
FIGURA 43 - Posição de 4°	117
FIGURA 44 - Posição de 8°	117
FIGURA 45 - Posição de 7°	117
FIGURA 46 - Parada simples de 6°	119
FIGURA 47 - Parada simples de 4°	119
FIGURA 48 - Parada simples de 8°	119
FIGURA 49 - Parada simples de 7°	119

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Relação geral dos sujeitos do estudo	39
QUADRO 2 - Evolução da esgrima em cadeira de rodas entre 2002 a 2008 no Brasil	62
QUADRO 3 - Sequência das provas funcionais da esgrima em cadeira de rodas	84
QUADRO 4 - Categorias da esgrima em cadeira de rodas conforme a categoria	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEP	Associação Brasileira de Esgrima Paraolímpica
ABRADECAR	Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas
ADFP	Associação dos Deficientes Físicos do Paraná
ASASEPODE	Associação de Servidores da Área de Segurança e Portadores de Deficiências do Estado Rio Grande do Sul
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
CPSP	Clube dos Paraplégicos de São Paulo
CVI	Centro de Vida Independente
EC	Esgrima convencional
ECR	Esgrima em cadeira de rodas
FIE	Federação Internacional de Esgrima
INEFC	Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha
IPC	Comitê Paraolímpico Internacional
ISMGF	International Stoke Mandeville Games Federation
IWAS	International Wheelchair & Amputee Sports Federation
IWFC	International Wheelchair Fencing Committee
UNIARARAS	Centro Universitário Hermínio Ometto
UPE	União Paulista de Esgrima

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	31
2. MÉTODO E MATERIAIS	35
2.1 Desenvolvimento do estudo piloto	36
2.2 Procedimentos e instrumento de coleta de dados da investigação	37
2.3 Análise dos dados	37
2.4 Atores do processo investigativo	38
3. ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS NO BRASIL (2002 – 2008)	41
3.1 Introdução	43
3.2 Evolução da arte das armas brancas na Europa e seu desenvolvimento no Brasil	45
3.3 Do surgimento da esgrima em cadeira de rodas pós II Grande Guerra à estruturação institucional como modalidade paraolímpica.	52
3.4 A esgrima em cadeira de rodas no Brasil: Implantação e desenvolvimento	54
4. CARACTERÍSTICAS DA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS	63
4.1 Introdução	65
4.2 A esgrima entre os esportes de luta	66
4.3 Características do jogo esgrimístico	71
4.4 A extensão das adaptações na esgrima em cadeira de rodas	74
4.5 Considerações do sistema de classificação	83
4.6 Particularidades do perfil do esgrimista cadeirante	87
5. PEDAGOGIA DE ENSINO NA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS	91
5.1 Introdução	93
5.2 A pedagogia do esporte no ensino da esgrima	94
5.3 Benefícios da esgrima para a pessoa com deficiência	99
5.4 Bases metodológicas de ensino da esgrima	101
5.5 Fundamentos básicos da esgrima em cadeira de rodas	109
5.6 Discussão dos fundamentos básicos na esgrima em cadeira de rodas	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

ANEXOS

135

APÊNDICES

137

APRESENTAÇÃO

A presença de pessoas com deficiência, no contexto da Esgrima, é uma conquista muito recente, semelhantemente a outros esportes que vieram a ser adaptados e criados logo após a II Guerra Mundial, nos Estados Unidos e Europa, visando reintegrar e reabilitar os lesionados da guerra, a Esgrima também passou a ser praticada por estas pessoas, a partir desse período. Antes disto, não existem registros sobre a prática da Esgrima por pessoas com deficiência.

A Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR)¹ surge a partir da adaptação da Esgrima Convencional (EC), sendo apresentada pela primeira vez nos Jogos de Stoke Mandeville em 1953. Gradativamente esta “nova” Esgrima veio se organizando institucionalmente, tornando-se um dos esportes mais prestigiados dos Jogos Paraolímpicos (Martínez, 1994).

Apesar da ECR já ser um esporte consolidado na maioria dos países da Europa e estar em ampla expansão em outro, como Estados Unidos, Canadá e China, ainda é uma modalidade pouco difundida no mundo, principalmente na América do Sul. O mesmo ocorre em relação à produção acadêmica sobre este esporte, sendo escassas as investigações nesta área. Assim, pouco se sabe a respeito das dimensões da Esgrima, em relação aos domínios físico-biológicos, afetivos e sociais do praticante com deficiência.

Grande parte desta lacuna de conhecimentos na ECR encontra-se arraigada à pouca popularização do próprio esporte adaptado e Paraolímpico, pois, como nos diz Gorgatti e Gorgatti (2005), este segmento ainda carece de divulgação e muitas pessoas nem sabem o que ele significa. No caso específico da ECR, além de persistir a idéia equivocada de que este esporte é desenvolvido, no mundo, somente na perspectiva assistencialista, vários profissionais desta modalidade ainda acreditam que indivíduos com deficiência não têm condições de realizar ações competentes no espaço de um esporte tão complexo como é a Esgrima.

A nossa experiência, ao longo dos últimos 10 (dez) anos, como investigador da Esgrima, no campo da área da Atividade Física Adaptada, vem cada vez mais refutar tal idéia,

¹ A fim de facilitar a compreensão, adotou-se no texto a abreviação *Esgrima Convencional (EC)* para definir a Esgrima praticada por pessoas sem deficiência e *Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR)* para definir a praticada por pessoas com deficiência física. Quando houver a descrição apenas do termo *Esgrima* no texto, este estará se referido ao esporte de forma geral.

pois levamos em conta o que diz Sacks (1995) e Manoel (1996), quando afirmam que pessoas com deficiência são criativas e competentes, quando estas adotam cursos não comuns para solução dos problemas motores. Acreditamos que a deficiência, ao contrario de limitar, acabou servindo como um catalisador para ampliação da dimensão do jogo da esgrima.

Do ponto de vista pedagógico, a percepção desta particularidade nos levou a deduzir que dadas as circunstâncias, limitações e potencialidade de cada indivíduo, com sua deficiência, que o ensino da Esgrima para essas pessoas, deveria partir daquilo que o aluno oferece, no âmbito das suas possibilidades motoras; no mesmo sentido, o método de ensino também deveria ser ajustado para atender a tais condições e não o inverso.

A nossa defesa, para tal atitude, deve-se fato de a maioria das propostas pedagógicas, realizadas com este esporte, ainda prestigiarem a adequação do aluno com deficiência às estruturas pedagógicas da EC. É importante lembrar que, apesar da ECR e a EC serem, em essência, um único esporte, uma vez existindo a deficiência e todas as suas conseqüências no organismo, pensar em propostas de intervenção da Esgrima para estas pessoas, tendo como parâmetro somente o modelo do esgrimista não deficiente, pode ser bastante enganador neste sentido.

Diante das questões precedentes, desenvolvendo-se sob as bases de uma pesquisa do tipo qualitativa, o presente estudo teve como objetivo caracterizar a Esgrima em Cadeira de Rodas, visando propor indicadores pedagógicos para intervenção de ensino na modalidade.

Buscando alinhar o desenho da tese aos atuais modelos de redação dos trabalhos acadêmicos, os referenciais teóricos que deram sustentação ao estudo foram organizados na forma de 3 (três) capítulos-artigos, tendo cada um seu objetivo e desenvolvimento. Para tanto, dispusemos as seções dentro da seguinte disposição:

Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil (2002 a 2008)

Caracteriza-se como um Estudo Histórico Descritivo, por meio de revisões bibliográficas e análise de documentos. Neste Capítulo, buscamos descrever os fatos históricos que marcaram o desenvolvimento da ECR no Brasil, desde sua implantação 2002 até o ano de 2008. Para tanto, centramos o textos sobre os seguintes tópicos:

- Evolução da arte das armas brancas na Europa e o seu desenvolvimento no Brasil.
- Do surgimento da Esgrima em Cadeira de Rodas pós II Grande Guerra à estruturação institucional, como modalidade paraolímpica.
- A Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil: implantação e desenvolvimento.

Características da esgrima em cadeira de rodas

Fundamentado também em Revisões Bibliográficas e Observações Assistemáticas, este Capítulo teve por objetivo delinear as características da Esgrima em Cadeira de Rodas. Partindo da classificação da Esgrima entre os esportes de luta e descrição do jogo esgrimístico, as atenções neste Capítulo centraram-se na *adaptação* dos equipamentos e regras da Esgrima que viabilizaram a prática por pessoas com deficiência motora. O texto deste Capítulo compreende as seguintes seções:

- A Esgrima entre os esportes de luta.
- Características do jogo esgrimístico.
- A extensão das adaptações na Esgrima em Cadeira de Rodas.
- Considerações do sistema de classificação.
- Particularidades do perfil do esgrimista cadeirante.

Pedagogia de ensino na Esgrima em Cadeira de Rodas

Tendo em foco o aluno iniciante em ECR, este Capítulo teve por objetivo propor indicativos pedagógicos para ensino dos fundamentos da Esgrima em Cadeira de Rodas-ECR. Buscamos ainda alertar o professor quanto a alguns cuidados preventivos, em relação à deficiência do aluno, ao ensinar os fundamentos básicos da modalidade. Nesse sentido, incluímos neste Capítulo os seguintes tópicos:

- A pedagogia do esporte no ensino da Esgrima.
- Benefícios da Esgrima para a pessoa com deficiência.
- Bases metodológicas de ensino na Esgrima.
- Fundamentos básicos da Esgrima em cadeira de rodas.

2) MÉTODO E MATERIAIS

Em razão de haver poucos protocolos desenvolvidos a partir das variantes que compreendem a ECR, ainda é um desafio encontrar instrumentos metodológicos que dêem suporte para um estudo mais consistente deste esporte. Diante desse fato e tendo em vista os objetivos do estudo, notamos que seria importante buscarmos um tipo de pesquisa que valorizasse a ação prática do esgrimista, pois, a partir da observação deste fenômeno, sairiam as propriedades de fundamentação da investigação. Para tanto, recorremos a Mazzotti e Gewandsznajder (1998); Gonsalves (2001); Thomas e Nelson (2002) para desenvolver a presente investigação sobre as bases de uma *pesquisa qualitativa*.

A pesquisa qualitativa é indicada para a realidade sobre que há pouco conhecimento, como é o caso da ECR. Este tipo de pesquisa permite maior flexibilidade nos planejamentos da investigação, podendo-se redirecioná-lo conforme o andamento dos trabalhos. Daí importância de haver uma fase exploratória neste tipo de pesquisa, o que oferece condições para definição de questões iniciais sobre o objeto e seleção dos procedimentos mais adequados ao desenho do estudo (MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998).

Por sua vez, Gonsalves (2001, p. 68) coloca que a experiência e a aproximação do pesquisador com o grupo de pessoas e o contexto a serem investigados, vêm ampliar as chances da obtenção de informações e possibilidades de reflexões mais conscientes a respeito desses. Por isso, como complementa a autora, neste tipo de pesquisa o investigador [...] preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas [...].

De acordo com Thomas & Nelson (2002), existe uma variedade de procedimentos que podem ser utilizados no processo de realização de uma pesquisa qualitativa. No nosso caso, os procedimentos foram adotados e alocados dentro de uma prioridade de importância, em que cada qual pode contribuir para o desenvolvimento do processo investigativo. Da mesma forma, ainda sob as orientações destes autores, optamos pela apresentação do estudo no formato de capítulos-artigos, a fim de que os mesmos possam rapidamente ser reorganizados e submetidos a uma revista especializada da área.

2.1) Desenvolvimento do Estudo-Piloto

Como recurso comum da pesquisa qualitativa, de acordo com Gonsalves (2001) o *Estudo Piloto* permite estabelecer as primeiras aproximações com o objeto de estudo, por meio do esclarecimento e desenvolvimento de idéias para chegar a uma visão panorâmica do projeto. Portanto, no Estudo-Piloto buscamos ampliar os nossos conhecimentos sobre o fenômeno observacional (atitude de jogo dos esgrimistas), elaborar o protocolo de coleta de dados e avaliar as variáveis externas e internas que poderiam influenciar no processo investigatório.

Tendo a duração de 4 (quatro) meses, esta fase foi desenvolvida em Barcelona no Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha - INEFC, Espanha, no ano de 2006, por meio do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. A partir dos estudos realizados no estudo-piloto pôde ser produzindo um artigo com o título: “Estudo preliminar do comportamento combativo de esgrimistas em cadeira de rodas²”. Esse trabalho foi aceito e apresentado oralmente no *1st International Congress on Science and Technology in Fencing*, ocorrido em fevereiro de 2008 em Barcelona, Espanha. No segundo semestre desse mesmo ano, foi lançado, naquele país, um livro com a coletânea dos trabalhos apresentados no referido Congresso, incluindo o presente artigo.

Uma vez contemplado o estudo-piloto, partimos para a *Revisão Bibliográfica*, buscando estabelecer a fundamentação teórica dentro dos seguintes conteúdos: a) processo histórico, institucional, político do desporto adaptado e da ECR na esfera nacional e internacional; b) particularidades e características das deficiências e suas amplitudes no contexto da prática esportiva; c) critérios classificatórios e funcionais da ECR; d) processos adaptativos, adequações e estratégias de ensino de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência; f) métodos de ensino técnico e tático de ensino e aprendizagem da Esgrima.

² O artigo original foi publicado na língua inglesa conforme (Apêndice – C)

2.2) Procedimentos e instrumento de coleta de dados da investigação³

Na estruturação da coleta de dados, buscamos adotar um instrumento o menos invasivo possível, pois esse seria apresentado aos sujeitos durante o período de participação em uma competição internacional. Tendo em vista essa situação, seguimos as orientações de Cervo e Bervian (2002), ao optarmos pelo questionário com perguntas abertas e fechadas devido à facilidade de organização das respostas dos sujeitos entrevistados.

As perguntas definidas para este questionário começaram a ser elaboradas a partir das nossas observações do comportamento combativo dos esgrimistas cadeirantes em várias competições nacionais e internacionais, como também durante o Estágio de Doutorado, ocorrido em Barcelona, no ano de 2006.

O instrumento foi delineado com 12 (doze) questões abertas e fechadas, além da língua portuguesa, o mesmo foi reproduzindo na língua inglesa e em espanhol (Apêndice – A em espanhol). No primeiro bloco de questões, buscamos obter informações sobre o sujeito, dados da deficiência e nível da lesão, bem como a sua condição esportiva, no contexto da ECR. No segundo bloco de perguntas, buscamos obter informações sobre as modificações e adaptações que o sujeito faz no âmbito da sua prática na Esgrima.

2.3) Análises dos dados

Tendo consciência das dificuldades de realização da análise dos dados na pesquisa qualitativa, seguimos as sugestões de Mazzotti e Gewandsznajder (1998) para vir, desde o início da investigação, traçando análises por meio da teorização progressiva e interativa com a coleta dos dados.

³ Esclarecemos que o instrumento de coleta de dados chegou a ser transformado em um documento eletrônico que foi enviado por e-mail para as Federações de Esgrima em Cadeira de Rodas e atletas de diversos países, no segundo semestre de 2006. No entanto, devido ao fato de o retorno de questionários respondidos não ter chegado a uma quantidade satisfatória para amostra de análise; os mesmos foram reaplicados em *loco*, durante a Copa do Mundo de Varsóvia em julho de 2007.

Primeiramente, organizamos e classificamos os dados em categorias conforme cada questão do questionário. Uma vez feito isso, orientados por Cervo e Bervian (2002), partimos para uma leitura informativa dos dados, na tentativa de interpretar o significado dos mesmos. Para estes autores, esse método de análise compreende quatro momentos:

- a) Pré-leitura: Busca-se obter uma visão global do processo de aplicação do questionário e leitura básica de todos os dados.
- b) Leitura seletiva: Análise preliminar dos dados, seleção dos tópicos importantes e averiguação de inconsistências.
- c) Leitura crítica ou reflexiva: Caminha para a identificação dos significados de cada resposta. Envolve uma fase de constante reflexão dos dados, com análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento.
- d) Leitura interpretativa: Busca-se saber o que os dados pretendem informar realmente, por meio do julgamento de idéias e solução dos problemas formulados.

A partir dos resultados obtidos na leitura informativa dos dados, pudemos retirar as conclusões para estruturação da proposta do estudo.

2.4) Atores do processo investigativo

O grupo de sujeitos analisados foi constituído por participantes brasileiros e estrangeiros em razão de, no Brasil, ainda não haver um grande número de praticantes da ECR. Da mesma forma, devido aos atletas com maior nível funcional e técnico encontram-se na categoria A, delimitamos a amostra somente a essa categoria, excluindo os atletas da categoria B e C.

Todos os sujeitos têm deficiência física e foram selecionados para a amostra aleatoriamente, conforme o Quadro – 1.

QUADRO 1
Relação geral dos sujeitos do estudo

SUJEITO	DADE	SEXO	DEFICIÊNCIA	NIVÉL
1-A	41	Masculino	Lesão medular	T – 12
1-B	37	Masculino	Acidente vascular cerebral	Hemiplegia
1-C	37	Masculino	Amputação perna	Direita
1-D	22	Masculino	Espinha bífida	-
1-E	46	Masculino	Amputação coxa	Esquerda
1-F	21	Masculino	Amputação perna	Direita
1-G	35	Masculino	Lesão medular	L – 5
1-H	35	Masculino	Lesão medular	T – 11
1-I	47	Masculino	Lesão medular	L – 1
2-A	37	Feminino	Espinha bífida	L – 4
2-B	38	Feminino	Lesão medular	T – 12
2-C	51	Feminino	Amputação perna	Direita
2-D	22	Feminino	Amputação	Dupla de tornozelos e punho da mão esquerda.

Quanto à proteção dos sujeitos, esclarecemos que todos participantes foram orientados no sentido de que suas identidades seriam preservadas e que os resultados utilizados somente para fins acadêmicos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice – B) do presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Unicamp, na data de 06/11/2007 conforme documento (Anexo - A).

CAPÍTULO III

ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS NO BRASIL (2002 – 2008)

3.1) Introdução

Entendemos que o passado não pode ser mudado: é aquilo que ficou na memória coletiva, registrado nos documentos, representado nas pinturas, nos tipos de ferramentas e outros elementos da Cultura. A memória do passado, como nos diz Vieira et. al. (1989), manifesta-se também nos valores, nas imagens, nos sentimentos, na arte, no trabalho e na tradição dos homens. Naquilo que se faz para preservar a memória do passado está o que irá ou não desvendar as razões do presente.

Levando em consideração este conceito e partindo dos nossos estudos e experiência profissional no trabalho com pessoas com deficiência, na prática da Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR)⁴, objetivamos, no presente ensaio, apresentar um relato sobre a implantação e desenvolvimento deste esporte no Brasil, a partir do início de suas atividades no ano de 2002.

Segundo Fontoura dos Anjos (2004), nos países que detêm tradição na prática da Esgrima, há uma grande preocupação em preservar os registros desta arte em suas culturas. No caso do Brasil, mesmo tendo chegado aqui no século XVI, com os primeiros colonizadores como atividade bélica, as investigações ou literaturas que tratam da trajetória da Esgrima praticamente não existem.

Sendo uma atividade quase que exclusiva dos militares, até a primeira década do século XX, é por meio das ações das instituições militares que a Esgrima esportiva, no Brasil, vai se estruturar e formar os novos esgrimistas e profissionais de ensino no país. Isso começa a se consolidar com a vinda de uma missão militar francesa, em 1906, para ministrar instrução na Força Pública de São Paulo e para a criação da Escola de Esgrima e Ginástica nesta mesma Corporação. Nos anos seguintes, a Esgrima desenvolve-se rapidamente, sendo fundada em 05 de junho de 1927 a primeira instituição nacional de representação da Esgrima (MARINHO, 1980 e ESEFEX, 1985).

⁴ A Esgrima em Cadeira de Rodas é uma das modalidades esportivas reconhecidas e controladas mundialmente pela International Wheelchair & Amputee Sports Federation – IWAS. Por sua vez, também é a modalidade oficialmente reconhecida pelo Comitê Paraolímpico Internacional – IPC como integrante do programa dos Jogos Paraolímpicos.

Ao contrario da Esgrima Convencional (EC), a ECR vai iniciar as suas atividades tardiamente no Brasil, somente no ano de 2002, após já ter passado por onze Paraolimpíadas, e muito tempo depois de a EC já ter se consolidado no país. Por sua vez, a ECR também surge no Brasil, muito mais pelo interesse e trabalho dos próprios praticantes com deficiência e de pesquisadores da área de Atividade Física Adaptada, do que das pessoas envolvidas com a EC.

De todas as formas, nos anos seguintes, a ECR também começa se organizar nacionalmente, por meio da importação dos primeiros equipamentos de fixação⁵ das cadeiras, formação de grupos de praticantes nos Estados, realização de competições nacionais, curso de capacitação de profissionais, bem como outras ações. Durante esse período, em âmbito institucional, também ocorrem amplas mudanças na estrutura diretiva deste esporte no país, trazendo conseqüências e desafios para o seu desenvolvimento. Todos esses fatores, ao longo dos últimos anos, vêm servindo de elementos para a construção da trajetória histórica da ECR no Brasil, sendo que pouco se tem registrado a respeito.

Fundamentado em Thomas & Nelson (2002), o estudo seguiu a perspectiva de pesquisa histórico-descritiva. Do ponto de vista de produção dos dados, estes foram obtidos por meio da análise de documentos e revisão de literatura que abordam o tema em questão. Neste sentido, buscamos descrever, num primeiro momento, a evolução da Esgrima, na Europa, até a sua chegada ao Brasil e sua posterior estruturação, como modalidade esportiva, a partir do início do século XX. Num segundo momento, apresentamos a ECR desde sua origem, no seio de Stoke Mandeville, na Inglaterra, sua posterior estruturação institucional, e difusão no mundo e no contexto Paraolímpico. Fechamos o ensaio com a ECR no Brasil, quando apontamos ordenadamente os fatos que marcaram a sua implantação e processo de desenvolvimento, até o ano de 2008, além das perspectivas futuras no país.

⁵ O fixador de cadeira de rodas é um equipamento desenvolvido dentro de padrões internacionais determinados pela International Wheelchair Fencing Committee – IWFC para bloqueio da cadeira de rodas na pista de Esgrima, de forma que não haja deslocamento da mesma e o combate possa ser realizado.

3.2) Evolução da arte das armas⁶ brancas na Europa e o seu desenvolvimento no Brasil

A literatura não é conclusiva quanto ao período de surgimento da Esgrima na civilização, porém há um consenso de que esta arte nasce na Antiguidade, com o aparecimento das primeiras espadas feitas de bronze, 2000 anos antes de Cristo.

A História da Esgrima está diretamente associada ao desenvolvimento das guerras e ao contexto sócio-cultural no qual esteve inserida. A necessidade de sobreviver diante das adversidades da natureza e as lutas por conquistas de territórios levaram os seres humanos a se aperfeiçoarem no manejo das armas de corte e estocada (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

De acordo com Lacaze (1991), a maioria dos povos da Antiguidade fazia uso das armas brancas, sendo que cada grupo social acabou desenvolvendo características distintas de armas e forma de manejá-las. Os Espartanos, na Grécia, e posteriormente os Romanos, vão ser os primeiros a treinarem, de forma sistemática, os seus guerreiros no manejo das armas brancas para as guerras.

É importante destacar que, neste período, a Esgrima estava atrelada diretamente à imagem do guerreiro, o que subentendia homens com condições físicas para lutar nas batalhas. Da mesma forma, em alguns povos, para ser guerreiro de elite e ter acesso ao treinamento das armas, também era requisito pertencer às castas superiores da sociedade. Portanto, todas as pessoas que não se encontravam nestas condições, como os escravos, velhos, pessoas com algum tipo de deficiência, entre outros, eram impedidos de praticar a Esgrima. Aliás, como nos diz Carmo (1989), as condições adversas da época e o estilo de vida nômade, dificultavam a manutenção e aceitação das pessoas consideradas dependentes, por isso elas, quase sempre, eram abandonadas, ou em alguns casos, eliminadas.

Na Idade Média, a Esgrima vai se desenvolver aliada às leis da cavalaria, e sob o aval da Igreja; os duelos judiciais disseminam-se com a idéia de ser uma forma de julgamento divino. Nesse período, surgem os Torneios que, caracterizados como festa feudal, eram um simulacro das guerras e objetivavam preparar os cavaleiros para as batalhas (ESEFEX, 1985).

⁶ Armas brancas: arte do manejo das armas de corte e estocada, atualmente limitadas ao florete, espada e sabre.

A Idade Média, por sua vez, é marcada pelo obscurantismo, pois a falta de conhecimentos sobre as ações da natureza, aliada ao misticismo da época, tornaram esse período um dos mais cruéis da trajetória humana, e a Esgrima acaba tendo o seu papel nesse sentido. As pouquíssimas revelações de pessoas com deficiência praticando a Esgrima, na Idade Média, chegam aos nossos dias por meio de algumas gravuras da época. As imagens destes indivíduos, geralmente anões, aparecem em sua maioria, na condição de Bufões ou bobos da corte.

A partir do século XV, já no Renascimento, a Esgrima começa a desprender-se do passado rudimentar para dar lugar às primeiras teorias e ações técnicas. Neste novo momento da humanidade, onde o homem passa a ser o elemento central, as transformações no campo do conhecimento cultural, artístico e científico, trazem à luz as primeiras propostas em benefício das pessoas com deficiência (CARMO, 1989).

A descoberta da pólvora, paradoxalmente, não diminui de imediato a ação da Esgrima, já que as primeiras armas eram de difícil manuseio e pequeno poder de fogo, por isso, ainda era vantajoso empenhar-se na destreza no manejo das espadas. As pesadas espadas, utilizadas na Idade Média, são abandonadas por uma nova arma espanhola de estocada⁷, mais leve e longa chamada *rapière ou rapieira*⁸, que se torna, por excelência, a arma dos duelos. (ARKAYEV, 1991; LACAZE, 1991).

Segundo Lacaze (1991), o período entre os séculos XV e XVII compreende o auge dos duelos na Europa ocidental. Nesse período, na França, os duelos por questões de honra tornaram-se moda entre a nobreza; tal situação fez com que a Monarquia reagisse. De acordo com Yñiguez (1890), no século XVII, os duelos chegaram a tal proporção que o Rei Luiz XII, com o apoio do Cardeal Richelieu, adota leis severas para aqueles que participassem de tal atividade. No entanto, os duelos vão se manter velados até o final do século XIX, na Europa, entre os militares e aristocratas.

Por sua vez, o Renascimento vai alimentar a expansão ultramarina dos Europeus. Por meio deles, chegam, ao Brasil, a partir do século XVI, as primeiras armas

⁷ Golpe realizado com a ponta da espada.

⁸ A *rapieira ou rapière* é arma mais leve que surgiu no final do século XVI. O termo rapieira vem de “espada ropera” que significa ser uma arma ligeira para ser utilizada sem armaduras (CAMPOMONES GRANDE e SANCHEZ, 1993; PROMARD, 1993).

brancas e de fogo⁹. O elevado calor dos trópicos, aliado à falta de profissionais de ensino da Esgrima nas novas terras, desestimulava ainda mais o interesse por esta arte.

A própria frota de Pedro Álvares Cabral, ao chegar ao Brasil em 1500, não era composta por uma tropa especializada no trato das armas. Segundo Bueno (1998), o pessoal de armas era formado, quase todo, por filhos de camponeses e pessoas que trabalhavam nos navios há muito tempo. Em sua maioria, nunca haviam participado de uma batalha e, portanto, não sabiam como se portar num combate.

Nas terras recém-descobertas, a prática da Esgrima restringia-se ao manejo básico das armas, para os encarregados da defesa das capitanias hereditárias. De acordo com Colares (1998), o “Regimento del Rei” de 1548,” que definia o armamento e uniforme que as tropas das capitanias deveriam portar, dizia que os capitães deveriam possuir vinte lanças e quarenta espadas. Por sua vez os senhores de engenho deveriam contar com, ao menos, dez lanças e vinte espadas. As armas brancas aqui descritas se referiam à espada de guarda cruz¹⁰ e à rapieira.

Apesar de existirem indícios de haver aportes de armas brancas e de toda uma indumentária para prática da Esgrima, na bagagem da Corte Portuguesa, pois era comum a prática desta arte pela nobreza européia da época, a sua vinda, em 1808, não traz grandes contribuições para a Esgrima, no Brasil (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Até a Proclamação da Independência, em 1822, a Esgrima fica restrita a pequenos grupos de praticantes. Porém, com a gradativa estruturação das forças militares, a Esgrima, em conjunto com outras atividades como o hipismo e a ginástica, começa a ser desenvolvida de forma sistematizada por essas instituições.

No Brasil Império, o sabre é a arma praticada entre os militares, principalmente para ser utilizada nas situações de conflitos (ESEFEX, 1985). De acordo com Colares (1998), nesse período, a maioria das armas de combate do país ainda eram de pederneiras “anti-carga¹¹”,

⁹ As armas de fogo citadas no texto referem-se ao *Arcabuz e o Mosquete*.

¹⁰ Guarda Cruz refere-se é um tipo de proteção da mão, entre o espaço da lâmina e a empunhadura da arma, que neste caso, assumia o formato de uma cruz. As proteções de mão tinham muitas variantes conforme as utilidades, pois serviam ainda para prender a lâmina do adversário e desarmá-lo, ou como mais um acessório de agressão da arma para ser utilizado contra o adversário (PROMARD, 1993).

¹¹ As pederneiras de anti-carga eram armas de fogo com alimentação manual da munição. Este tipo de armamento foi utilizado pelos militares brasileiros até pouco depois dos anos de 1850 e também na Guerra do Paraguai (VAS, 2007).

que possuíam um sistema de carregamento lento e difícil. Esta situação facilitava a aproximação do inimigo sendo, por isso, importante o emprego das armas brancas em suas diversas variantes.

A tropa assumia as modalidades de esgrima a cavalo, esgrima de baioneta e esgrima de lança, todas admitindo combinações entre elas. O emprego das armas brancas ainda se fazia necessário em função do Choque, uma das propriedades táticas da cavalaria e da infantaria (COLARES, 1998, p. 6).

Os duelos de honra também se faziam presentes, no Brasil, nesse período, principalmente entre os militares e membros de famílias tradicionais, como forma de resolução de conflitos pessoais. Figueiredo (2007), por exemplo, fala-nos de um duelo, realizado em 1889, entre Olavo Bilac e Raul Pompéia, o autor de “O Ateneu”, devido a algumas desavenças e grosserias, em relação à Proclamação da República, trocadas por meio das páginas da imprensa. O confronto ocorreu em um ateliê, no bairro carioca da Lapa dentro do seguinte cenário.

[...] cercado pelas esculturas e pinturas dos irmãos Bernardelli, os dois contendores se viram frente a frente, armados de seus floretes. À última hora, no entanto, os padrinhos os convenceram a selar as pazes com um aperto de mão. “O incidente havido entre os srs. drs. Raul Pompéia e Olavo Bilac foi ontem honradamente liquidado para ambos”, anunciou um jornal do dia seguinte (FIGUEIREDO, 2007, p. 12).

Também, a partir das escolas militares, surgem as primeiras iniciativas de ensino da Esgrima como disciplina educacional no país. Um exemplo citado por Cantarino Filho (1982) refere-se à Carta Régia de 4 de dezembro de 1810, fundando a Academia Real Militar, no Rio de Janeiro, posteriormente renomeada Escola Militar, em cujo programa de ensino havia a instrução da Esgrima aos cadetes. Por sua vez, nesta mesma Escola, por meio do Decreto nº 2.116, de março de 1858, a Esgrima passa a ser uma disciplina obrigatória para os Cursos de Infantaria e Cavalaria.

Posteriormente, pelo Decreto nº 4.720, de 22 de abril de 1871, é estabelecida a obrigatoriedade da Esgrima, da Ginástica e da Natação, na Escola Militar da Marinha. Em 1884, pelo Decreto nº 9.611, de 26 de junho, a Escola da Marinha funde-se ao Colégio Naval, passando a ser definida como Escola Naval, mantendo em seu Currículo as atividades esportivas supracitadas (FIGUEIREDO, 1958).

Também na cidade do Rio de Janeiro, surge o primeiro clube a desenvolver a Esgrima no Brasil, o Clube Ginástico Português. Fundado no dia 31 de outubro de 1868, no Rio de Janeiro, sob o alvará do Rei de Portugal D. Luis I e Decreto da Princesa Isabel. Passando posteriormente a se chamar Real Sociedade Clube Ginástico Português, este clube concentrou a nova nobreza brasileira, vinda de Portugal, oferecendo as primeiras atividades regulares de práticas de atividades físicas, incluindo a Esgrima (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Com a inclusão da Esgrima no programa dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizado em Atenas, na Grécia, em 1896, a Esgrima começa a se desvincular do campo militar, para ganhar mais espaço na sociedade civil, como modalidade esportiva. Além disso, com a eclosão da I Grande Guerra Mundial, as novas tecnologias da época trouxeram amplas transformações para o armamento militar, principalmente para a Infantaria, com a presença das metralhadoras de disparos múltiplos e pistolas automáticas. Com esses novos armamentos, a Esgrima bélica entrou em declínio, em razão dos confrontos corpo a corpo nas batalhas passarem a ser mais escassos e limitados ao emprego da baioneta.

No Brasil, a relação da Esgrima com os militares, no entanto, vai perdurar por mais tempo. Positiva ou não, a influência desta instituição na Esgrima nacional acaba sendo decisiva para sua organização nos anos seguintes, pois, por meio deles, é que chegam ao Brasil os primeiros Mestres D'Armas estrangeiros. Segundo Marinho (1952), por meio de um acordo entre o Brasil e França, para a vinda de uma missão em 1907, com o fim de ministrar instrução militar à Força Pública de São Paulo. Por isso, em 1910, chega ao Brasil o Mestre D'armas e suboficial Delphin Balancier, com o objetivo de treinar os esgrimistas nacionais e formar os primeiros profissionais de ensino desse esporte no país.

Em 1914, é fundada a União Paulista de Esgrima - UPE¹², que, a partir de 1925, passa a se chamar Federação Paulista de Esgrima, configurando-se como a primeira instituição a coordenar as ações desse esporte no Estado de São Paulo.

Alguns anos após, com a aproximação do Centenário da Independência, vem ao Brasil, em 1921, o militar Mestre D'Armas francês Capitão André Gauthier, para preparar a

¹²Todos os nomes das instituições, apresentadas pela primeira vez no texto, serão descritas na sua forma completa, a partir de então o nome será descrito na sua forma abreviada.

equipe representaria o Brasil nas Olimpíadas Sul-Americanas e que seriam realizadas na Cidade do Rio de Janeiro, em 1922 (AZEVEDO, 1936).

Também por meio de um acordo diplomático, porém agora com a Itália, desembarca no Brasil, nessa mesma época, o Sr. Giovani Abita, Mestre D'Armas da Escuela Magistrale di Roma, para ser instrutor na Escola da Marinha, no Rio de Janeiro (BASTOS, 1933).

Os bons resultados obtidos pelos esgrimistas brasileiros, nas Olimpíadas Sul-Americanas, acabaram contribuindo, naquele momento, para divulgação da Esgrima entre os civis. Com a presença dos Mestres Gauthier e Giovani Abita, na condução do ensino da Esgrima nacional, entre os anos de 1921 e 1924, este esporte tem o seu primeiro pico de desenvolvimento, como nos explica Fontoura dos Anjos (2004, p. 45).

As salas d'armas do clube naval e do clube militar, em particular onde o trabalho era orientado pelo mestre Gauthier, funcionavam repletas, mas a partir de 1924, várias circunstâncias fazem com que o mestre Gauthier não encontre interessados no exército, o clube militar se desinteressou da questão, e a esgrima, perdendo as suas principais posições, passa a viver quase que exclusivamente no meio civil que estava em alta, tendo vários clubes com a prática regular da esgrima. Os militares então para continuarem a prática da esgrima, vão se filiar aos clubes.

Entre esses clubes da Cidade do Rio de Janeiro, destaca-se o Guanabara, o primeiro a fundar uma Sala D'Armas civil em suas dependências. Além desse, o Opera Nazionale Dopolavoro, o Flamengo Futebol Club, América Futebol Club e o Fluminense Futebol Club mantinham a prática da Esgrima. Por sua vez, no Club Ginástico Português, a Esgrima encontrava-se presente desde 1868 e no Club de Regatas Boqueirão, desde 1903 (AZEVEDO, 1936).

Em janeiro de 1922, o Ministério da Guerra cria o Centro Militar de Educação Física que, no ano de 1933, passa a se chamar Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx. Nessa Escola, é instituído um Curso de Mestre D'Armas, que se mantém até os nossos dias (FONTOURA DOS ANJOS, 2004).

Todo este movimento da Esgrima nacional instigava a sua reorganização institucional. Já existindo a Federação Paulista de Esgrima, em 1927 é a vez do Rio de Janeiro de estruturar a Federação Carioca de Esgrima. Nesse mesmo ano, é fundado também o órgão nacional que iria direcionar todas as ações desse esporte no país, nos anos seguintes: a União

Brasileira de Esgrima que, a partir de 1941, passou a ser denominada Confederação Brasileira de Esgrima – CBE. Nos anos seguintes, outras federações estaduais viriam surgir no Rio Grande do Sul e no Paraná (LOHMANN e ÁVILA, 2006).

Uma vez estabelecida a CBE, esta se filia à Federação Internacional de Esgrima - FIE¹³, permitindo que o Brasil tomasse parte nas Olimpíadas de Berlin, em 1936, e no país começam oficialmente a ser organizadas as primeiras provas nacionais.

É importante frisar, que em conjunto com a Ginástica, o Hipismo e a Natação, a Esgrima no Brasil vai se desenvolver atrelada à formação do militar. Tal situação, como nos explica Fontoura dos Anjos (2004), não garante à Esgrima uma hegemonia esportiva na época e em nenhum momento, nos anos seguintes. Muito pelo contrário, ela vai demorar muito para se desvencilhar do seu caráter bélico dentro da caserna, para consolidar-se como esporte de competição, organizado e estruturado.

Quando a Esgrima começa a ser adotada pela sociedade civil, ela também permanece restrita a uma elite de praticantes, para aqueles que têm recursos para freqüentar os poucos clubes que fomentavam esse esporte nessa época. Todos estes fatores vão contribuir para a formação de uma imagem negativa, a respeito da Esgrima: a de que, no Brasil, ela é uma atividade típica das elites, e, portanto, poucas pessoas teriam condições de praticar esse esporte. Esse é o caso das pessoas com deficiência, que somente tiveram acesso a esse esporte no país, a partir do ano de 2002, após 48 anos de sua primeira apresentação nos Jogos de Stoke Mandeville, na Inglaterra, e já sob a forma de esporte adaptado, para ser praticado em cadeira de rodas.

¹³ A Federação Internacional de Esgrima – FIE é a instituição internacional que controla mundialmente as ações da esgrima convencional.

3.3) Do surgimento da Esgrima em Cadeira de Rodas pós II Grande Guerra à estruturação institucional como modalidade paraolímpica

Até o final da Segunda Grande Guerra, os esportes organizados para pessoas com deficiência praticamente não existiam no mundo. Paradoxalmente, com o fim deste conflito e o retorno dos soldados aos seus países, em especial na Europa e nos Estados Unidos, ocorreram movimentos no sentido de ir ao encontro de diferentes recursos de reabilitação e inclusão dos combatentes lesionados. Surgia com isto o viés do Esporte, como alternativa neste sentido (ADAMS et. al., 1985).

A ECR começa a ser praticada inicialmente no Departamento de Lesados Medulares de Rockwood (Cardiff), na Inglaterra, por um grupo de paraplégicos, sob a orientação do Prof. Reynolds. Por ocasião dos Jogos de Stoke Mandeville, realizados em 1953, a ECR é apresentada durante este evento, sendo apontada pelo Dr. Ludwid Guttmann como um esporte de grande potencial, para ser desenvolvido com os pacientes com deficiência (MARTÍNEZ, 1994; ADAMS et. al., 1985)

Segundo Martinez (1994), alguns países que detêm supremacia na Esgrima, como a Inglaterra, França e Itália, foram os primeiros a desenvolver a ECR. Da mesma forma, a primeira prova oficial desse esporte ocorreu em 1955, em Stoke Mandeville, sendo disputada somente a modalidade de sabre.

Até 1955, não havia regras muito definidas para a ECR e, em 1960, com a entrada da Esgrima no programa das Primeiras Paraolimpíadas realizadas em Roma, na Itália, é proposto pela França um novo regulamento específico, adaptado a partir do regulamento da FIE¹⁴.

Nos Jogos Paraolímpicos de Tóquio, em 1964, acontecem, pela primeira vez, as três modalidades oficiais da Esgrima: Florete, Espada e Sabre, ficando o Florete restrito apenas aos principiantes.

Em 1968, são realizados os III Jogos Paraolímpicos do México, porém, por problemas na organização, as competições são transferidas para Tel Aviv, em Israel. Nesses

¹⁴O Regulamento de Provas da FIE é um documento oficial que regulamenta todas as regras referentes às generalidades comuns ao jogo da esgrima convencional nas três armas (sabre, espada e florete).

jogos, as mulheres entram para o programa competindo no Florete e, em 1972, nos Jogos Paraolímpicos de Heidelberg, na Alemanha, as provas passaram a ser realizadas de forma completa, como ocorre atualmente com homens e mulheres jogando Florete e Espada, além da prova de Sabre, masculina.

A ECR não é uma modalidade controlada pela FIE, mas sim pela International Wheelchair Fencing Committee – IWFC que, por sua vez, é subordinada a International Stoke Mandeville Games Federation – ISMGF, atual International Wheelchair & Amputee Sports Federation – IWAS. A IWFC foi criada nos anos 70 e tem a função de gerenciar todas as ações organizativas da ECR, em especial na realização das competições da modalidade no mundo (MARTINEZ, 1994)

Segundo o Reglamento del Manual del Comité Paraolímpico Internacional (2004), o Mestre D’Armas Leslie Veal, que também foi o primeiro presidente da IWFC, iniciou a redação do Regulamento Oficial da ECR. Posteriormente, o Mestre D’Armas Theo Van Leeuwen, presidente da IWFC, de 1984 a 1992, em conjunto com os Mestres Brian Dickinson da Inglaterra e Vittorio Loi da Itália, em 1988, propõem novas mudanças no Regulamento. Até hoje esse Regulamento é aplicado nas competições oficiais da IWFC.

A Esgrima adaptada, reconhecida pela IWAS e pelo Comitê Paraolímpico Internacional – IPC, é aquela organizada para ser praticada com cadeiras de rodas e por pessoas com deficiência física. No duelo da ECR, as cadeiras não se deslocam, ocorrendo apenas o ajuste da distância entre os esgrimistas para início do combate. As cadeiras são bloqueadas no solo, por meio de um equipamento específico, denominado fixador de cadeiras de rodas. O primeiro fixador foi produzido pela Itália, equipamento muito pesado e de difícil manejo. Os atuais fixadores são mais leves e resistentes e foram apresentados nas Paraolimpíadas de Atenas, em 2004.

Dentro de todo esse processo, devido à grande variabilidade e tipos de deficiências físicas dos indivíduos que praticam a ECR, também houve a necessidade um sistema específico de classificação¹⁵. Para tanto, em 1988, nas Paraolimpíadas de Seul na Coreia, foi introduzindo um novo Sistema de Classificação Funcional, ampliando as possibilidades participativas das pessoas com deficiência nesse esporte. Este sistema permitiu classificar os

¹⁵Este sistema foi proposto pela médica Alemã Rita Strohman nos campeonatos europeus de Glasgow em 1987, sendo modificado posteriormente (REGLAMENTO DEL MANUAL DEL COMITÉ PARAOLÍMPICO INTERNACIONAL, 2004).

atletas em classes, de acordo com o tipo e nível de lesão e potencial de execução motora no desempenho das ações de Esgrima, para dividi-lo nas três categorias oficiais da ECR, que são A, B e C.

Em relação à classificação funcional, por não ser um elemento exclusivo da ECR, mas ser um sistema utilizado para avaliar os atletas em todos os esportes paraolímpicos, os profissionais dessa área tiveram que avançar em pesquisas, no sentido de aperfeiçoar o método. Tendo em vista as particularidades de cada modalidade esportiva, muitas controvérsias surgiram neste campo, visto que não há um sistema ótimo que avalie fidedignamente as capacidades funcionais, em relação ao efetivo desempenho esportivo do atleta.

3.4) A Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil: implantação e desenvolvimento

O início das atividades da ECR, no Brasil, ocorre muito mais pelo interesse e trabalho dos próprios praticantes com deficiência do que das pessoas envolvidas com a estrutura da EC. Até o ano de 2001, não constam registros de pessoas com deficiência praticando Esgrima no país.

Por sua vez, tanto os profissionais do ensino, como os próprios atletas da EC tinham poucas informações a respeito da dimensão da ECR no mundo e o universo da pessoa com deficiência na prática esportiva. A ECR, portanto, surge e se desenvolve no Brasil de forma independente das estruturas da EC.

As atividades da ECR do Brasil se iniciam, concretamente, no ano de 2002, porém a história deste esporte começa a ser desenhada uma década antes, na figura da atleta Andréa de Mello¹⁶. No início dos anos 90, após sofrer um acidente vascular cerebral, esta atleta buscou tratamento nos Estados Unidos, vindo posteriormente a viver e praticar a ECR naquele país, porém competindo pelo Brasil nas provas internacionais da IWFC.

¹⁶ Andréa de Mello representou o Brasil em três Paraolimpíadas que foram as de Atlanta (1996), Sydney (2000) e de Atenas (2004), tendo participado ainda de várias Copas do Mundo e o dos Jogos Para-panamericano de Mar Del Plata, na Argentina em 2003, onde foi vicê-campeã da modalidade de florete na categoria B.

Devido o seu longo envolvimento com a ECR mundial, esta atleta firmou-se não somente como a primeira brasileira com deficiência a defender o nosso país neste esporte, mais também uma das pioneiras na América. No entanto, tínhamos uma representante que jogava pelo Brasil nas provas internacionais, porém, no próprio país não havia praticantes.

A primeira referência da Esgrima para pessoa com deficiência, no Brasil, surge sob a forma de uma investigação de mestrado¹⁷, no ano de 2001, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Esse estudo busca propor algumas adequações pedagógicas de ensino e aprendizagem para o surdo.

Em maio de 2002, é realizada no Simpósio SESC de Atividades Motoras Adaptada de São Carlos, no Interior de São Paulo, em uma clínica sobre Esgrima no contexto da pessoa com deficiência. Esta clínica foi a primeira montada no país com o objetivo de divulgar este esporte entre os profissionais de Educação Física.

Nesse mesmo ano, tem início, no Departamento de Fisioterapia do Centro Universitário Hermínio Ometto – UNIARARAS, na Cidade de Araras, no Estado de São Paulo, o primeiro trabalho prático da ECR no país, com cinco pacientes¹⁸ amputados de perna. Com o desenvolvimento dos trabalhos, começou a surgir, entre eles, o interesse em ampliar as aulas para o treinamento competitivo; assim houve a necessidade de buscar informações mais amplas quanto ao andamento dessa modalidade no país.

Naquela época, a associação nacional que era reconhecida pela IWAS, para dirigir os esportes em cadeiras de rodas e, por consequência, a ECR no país era a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas – ABRADECAR. Sabendo da existência do novo grupo de praticantes da Cidade de Araras, esta Instituição buscou dinamizar as atividades desse esporte nacionalmente e, para assessorar neste trabalho, nomeou, no ano de 2002, um coordenador técnico¹⁹ com o objetivo de gerenciar as ações da modalidade no país.

Com isso, iniciam-se os trabalhos de desenvolvimento desse esporte no Brasil. Uma das primeiras medidas realizadas, neste sentido, foi a aquisição de um fixador de cadeira de rodas, já que não havia nenhum no país. Tendo em vista o seu alto custo, no início do ano de

¹⁷Investigação de mestrado de autoria de Valber Lazaro Nazareth e orientação do professor doutor Edison Duarte, intitulada Proposta de Ensino Básico da Esgrima para Adolescentes Surdos.

¹⁸Este grupo era constituído pelas seguintes pessoas: Eduardo Franco de Oliveira, Edilaz José do Santos, Amilton José dos Santos e Eduardo Rabello.

¹⁹Esta função foi ocupada primeiramente pelo Mestre D'Armas Valber Lazaro Nazareth até o final do ano de 2004, quando assumi o Mestre Edvan Lima do Rio de Janeiro. Este último permanece neste cargo até o final do ano de 2006, justamente quando a Abradecar é desfilhada da IWAS.

2003, foi solicitado, oficialmente a IWFC, o empréstimo de um destes equipamentos. O mesmo foi concedido sob a condição de os nossos atletas manterem um fluxo constante de participações nas provas do Calendário Internacional.

Em maio de 2003, pela primeira vez, é enviada uma delegação brasileira²⁰ a uma competição internacional, a Copa do Mundo de Lonato, na Itália (Fig. 1). Ainda no decorrer deste ano, os esgrimistas brasileiros participam de mais duas competições, a Copa do Mundo de Varsóvia na Polônia e os II Jogos Para-panamericano de Mar Del Plata, na Argentina, esta última por convocação do Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB.



Figura 1. Delegação brasileira na Copa do Mundo de Lonato, Itália em 2003.

Durante o período de realização dos Jogos Para-panamericanos da Argentina, é realizado um Seminário de Técnicos, na Cidade de Buenos Aires e outro de Classificadores na Cidade de Mar Del Plata, tendo a presença de vários profissionais daquele país, mais dois técnicos²¹ brasileiros.

No ano seguinte, é organizada uma clínica da ECR para os profissionais que se

²⁰A delegação Brasileira na Copa de Lonato foi constituída pelas seguintes pessoas: Nivando Menin (Chefe de delegação), Valber Lazaro Nazareth (Técnico) e pelos atletas, Andréa de Mello, Eduardo Franco de Oliveira, Edilaz José do Santos e Amilton José dos Santos.

²¹Como representantes da IWAS, vieram para ministrar o seminário técnico e de classificação durante os Jogos Para-panamericanos da Argentina os Mestre D'Armas Vittorio Loi da Itália e o Dr. Esteban Collet da Espanha. Os profissionais brasileiros que estiveram presentes neste curso foram os Mestres D'Armas Valber Lazaro Nazareth de São Paulo e Alexandre Alves Teixeira do Rio Grande do Sul.

encontravam presentes nos IX Jogos Paradesportivos Regionais, da Região Centro Oeste de 2004, organizados pela ABRADecAR, na Cidade de Goiânia – GO. Ainda nesse ano, ocorre o I Seminário Internacional de Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil (Fig. 2). Esse evento conta com a presença de dois palestrantes²² internacionais e quatro nacionais. Inscreveram-se, para participar do evento, mais de vinte profissionais do contexto da EC, da área de Educação Física e Atividade Física Adaptada.



Figura 2. I Seminário de Capacitação em Esgrima em Cadeira de Rodas de 2004.

Por sua vez, os esgrimistas brasileiros participam de mais duas provas internacionais, no ano de 2004, novamente da Copa do Mundo de Varsóvia, na Polônia e os Jogos Paraolímpicos de Atenas, na Grécia²³. Neste ínterim, novos grupos de praticantes se formam no Brasil, sendo o primeiro em Porto Alegre, na Associação de Servidores da Área de Segurança e Portadores de Deficiências do Estado Rio Grande do Sul – ASASEPODE; em seguida, na Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – ADFP em Curitiba, Paraná, e na capital paulista, no Clube dos Paraplégicos de São Paulo – CPSP.

²²Os conteúdos pedagógicos de ensino e aprendizagem da ECR foram ministrados pelo técnico da equipe francesa, Mestre D'armas Jean Deleplancque, a classificação funcional ficou a cargo do espanhol e membro da IWFC, o Dr. Esteban Collet. Entre os palestrantes nacionais, o Prof. Dr. Edison Duarte da Unicamp, Profª. Dra. Ruth E. A. Cidade da UFPR, Prof. Valber Lazaro Nazareth da Força Aérea e Profª. Dra. Maria José M. da Silva Morsoleto da UNIARARAS.

²³Somente a atleta Andréa de Mello é convocada pela IWAS para os Jogos Paraolímpicos de Atenas. Este evento marca a despedida desta atleta como representante brasileira, pois após os jogos, ela adota a cidadania estadunidense, passando então a competir por aquele país.

Também em 2004, com a organização da ASASEPODE é realizado, na Cidade de Porto Alegre, o I Campeonato Aberto de ECR, em Porto Alegre, RS. Essa prova foi realizada novamente, no ano seguinte, na mesma Cidade.

Já em 2005, é realizado o I Campeonato Brasileiro da modalidade e a competição de ECR, nos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados da IWAS²⁴, ambos na Cidade do Rio de Janeiro.

O II Campeonato Brasileiro²⁵ é realizado no ano de 2006, nas dependências da Academia da Força Aérea – AFA, na Cidade de Pirassununga, no Interior de São Paulo, com presença de sete 07 atletas, de três associações nacionais. Em novembro desse mesmo ano, é fundada, em São Paulo, a Associação Brasileira de Esgrima Paraolímpica – ABEP²⁶.

O projeto inicial da Instituição era o de obter, junto à IWAS, o seu reconhecimento internacional, para a coordenação da ECR no Brasil. No entanto, os objetivos da ABEP não se concretizam, pois a ABRADecAR, ao ser desfilhada da IWAS, no final de 2006, é o Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB que assume os programas dessa Instituição no país e, com isto, a coordenação da ECR.

Por meio da ABEP, chegam a ser organizados dois eventos, no ano de 2006, no Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo: uma clínica de treinamento e uma competição amistosa entre os esgrimistas de São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. Após este evento, devido a ABEP não ter conseguido obter o reconhecimento internacional da IWAS, os trabalhos desta Instituição não progridem, o que a leva a encerrar suas atividades no primeiro semestre de 2007.

O ano de 2007 inicia-se com um novo ciclo diretivo da ECR, no Brasil e, neste mesmo ano, após dois anos sem a participação brasileira em provas internacionais, uma delegação com sete componentes²⁷ viaja mais uma vez para a Polônia, a fim de competir na Copa do Mundo de Varsóvia (Fig. 3). É enviado, com esta delegação, um profissional especializado para acompanhar os trabalhos de classificação funcional da competição.

²⁴A competição de Esgrima dos Jogos Mundiais da IWAS foi realizada na Escola Naval, sendo a equipe brasileira formada pelo paulista Eduardo Franco de Oliveira e os gaúchos Lauro Brachtvogel, Maurício Stempniak e Daiane Perón.

²⁵Diante da impossibilidade da ABRADecAR realizar esta competição, o Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB assumiu a organização do evento.

²⁶Assumem como presidente e vice-presidente da ABEP, respectivamente, os Mestre D'Armas Sandor Kiss e Valber Lazaro Nazareth.

²⁷Fizeram parte desta delegação os seguintes atletas: Maurício Stempniak, Daiane Perón, Eduardo Franco de Oliveira e Lauro Brachtvogel. Na função de dirigente e representante do CPB, o Sr. Arisson Dias; na função de classificador funcional, o Prof. Dr. Edison Duarte da UNICAMP e Valber Lazaro Nazareth, como treinador técnico da equipe.



Figura 3: Delegação brasileira na Copa do Mundo de Varsóvia.

Em novembro de 2007, realiza-se, na Cidade de Curitiba, no Paraná, conforme a (Fig.4), o III Campeonato Brasileiro, contando com um número recorde de esgrimistas: treze atletas, sendo sete masculinos e seis femininos.



Figura 4. III Campeonato Brasileiro de 2007 na Cidade de Curitiba, PR.

Em janeiro de 2008, na tentativa de obter uma vaga para os Jogos Paraolímpicos de Pequim, o Brasil se faz representar com uma delegação de três componentes na Copa do Mundo de Malchower, na Alemanha.

No mês seguinte, por meio do Centro de Vida Independente – CVI, na Cidade de Maringá, no Paraná. é realizada uma clínica de ECR da Cidade para um público de mais de cinquenta pessoas.

Posteriormente, no mês de novembro, também no Paraná, porém agora na Cidade de Curitiba, é realizado o IV Campeonato Brasileiro da modalidade (Fig. 5). I Estágio de Treinamento e Capacitação²⁸ de ensino da ECR para os profissionais e atletas (Fig. 6). Nesse estágio, ocorre um curso de formação de classificadores funcionais, no qual quatro brasileiros são titulados como classificadores regionais e um internacional²⁹.



Figura 5. IV Campeonato Brasileiro de Esgrima em Cadeira de Rodas, realizado na Cidade de Curitiba Paraná em 2008.

²⁸Entre os palestrantes internacionais deste evento, estiveram presentes o chefe da classificação funcional da IWFC, o italiano Dr. Luca Michelini e o Mestre D'Armas francês Jean Deleplancque. Entre os brasileiros, o professor Dr. Edison Duarte da Unicamp, o presidente do CPB, o Senhor Vital Severino Neto, o coordenador da ECR no CPB Valber Lazaro Nazareth e o presidente do Comitê Paraolímpico das Américas Sr. Andrew Parsons.

²⁹Classificadores nacionais: Profs. Ruth E. A. Cidade da UFPR, Deborah de Carvalho Kaiser, Patrícia S. de Freitas da UFB e Gustavo. Como classificador internacional: Prof. Dr. Edison Duarte da Unicamp.



Figura 6. I Estagio de Treinamento e Capacitação, realizado na Cidade de Curitiba, Paraná em 2008.

Por ocasião da organização desses eventos, são adquiridos, junto à Federação Francesa de Handisport, cinco novos fixadores³⁰ de cadeira de rodas, dando condições ao país de sediar, no futuro, uma competição de nível internacional.

Contudo este primeiro processo evolutivo da ECR, no Brasil, pode ser expresso numericamente da seguinte forma (Quadro – 2):

³⁰ Estes cinco fixadores de cadeira de rodas de Esgrima foram adquiridos por meio de patrocínio das Loterias da Caixa Econômica Federal. Além desse equipamento, parte dos recursos do patrocínio foi destinada à aquisição de cadeiras de rodas esportivas de Esgrima.

QUADRO 2

Evolução da Esgrima em cadeira de rodas, entre os anos de 2002 a 2008, no Brasil

DESCRIÇÃO	ANO DE REFERÊNCIA							
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total
PESSOAL ENVOLVIDO								
Número de praticantes por ano ³¹	5	-	6	-	8	13	15	15
Classificadores nacionais							4	4
Classificadores internacionais							1	1
Técnicos capacitados			14				11	25
COMPETIÇÕES								
Realização de competição estadual			1	1				2
Realização de competição nacional				1	1	1	1	4
Participação em provas internacionais		3	2	1		1	1	8
REALIZAÇÃO DE CURSOS								
Curso de capacitação			1				1	2
Clínicas			1			1		2
EQUIPAMENTOS								
Aquisição de fixadores de cadeiras		1					5	6
LOCAIS DE PRÁTICA								
Associações e clubes			2			1	1	4

Tendo em vista os Jogos Paraolímpicos de Londres, em 2012, e o Brasil sediar este evento em 2016, alguns projetos estão sendo estruturados, no plano evolutivo da ECR, para os próximos anos. Em nível nacional, destaca-se a criação de um curso itinerante de formação de monitor de ECR, para profissionais da área de Educação Física que já trabalham com pessoas com deficiência, em associações e clubes no país. Já na esfera internacional, candidatar o Brasil para sediar em 2010 ou 2012 uma Copa do Mundo, visando tornar esta prova a uma competição efetiva do calendário anual da IWFC.

³¹Entre os anos de 2002 e 2008, houve um grande fluxo de pessoas que iniciaram e abandonaram a ECR, situação que impossibilita estabelecer com precisão o número exato de pessoas que passaram por este esporte nestes últimos anos. Por isso, tomamos como base, para apresentar o número de praticantes no Quadro 3, o total de esgrimistas inscritos no último Campeonato Brasileiro da modalidade, ocorrido em novembro de 2008.

CAPÍTULO IV

CARACTERÍSTICAS DA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS

4.1) Introdução

Segundo Duarte (2001), a adaptação, no âmbito da condição humana, é entendida como a capacidade de a pessoa estar apta a atender as demandas exigidas pela vida. Por isto, em menor ou maior grau, durante todo o tempo, de existência o indivíduo estará se adaptando.

A adaptação, por sua vez, também é um fenômeno multifacetado na forma de apresentar-se, pois cada situação ou estrutura solicita modelos particulares ajustáveis. Neste sentido, apesar de o novo modelo adaptado manter a sua essência funcional, nem sempre é igual ao modelo comum, e, portanto, poderá apresentar novas características.

Considerando a extensão dos processos adaptativos, na formação dos esportes para pessoa com deficiência, Castro (2005) coloca que Esporte Adaptado (EA) é aquele que foi modificado, ajustado nas suas estruturas físicas (equipamentos, locais, materiais) e de procedimentos (regras e organização) no sentido de possibilitar a sua prática por pessoas com deficiência.

A Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR) surge, por este viés, como sendo uma adaptação da Esgrima Convencional (EC) e se desenvolvendo no mundo oficialmente como uma modalidade esportiva Paraolímpica a ser praticada em cadeira de rodas, por pessoas com deficiência física.

Ao tratar da adaptação, na formação da ECR, este fenômeno produziu mudanças significativas aos elementos estruturais e de jogo desse esporte, definindo, com isso, um conjunto de características específicas e inerentes à modalidade e a seus praticantes. Nesse sentido, tendo como base a Revisão Bibliográfica e Observações Assistemáticas de esgrimistas de seleções nacionais, no ensaio em questão, buscamos delinear as Características da Esgrima em Cadeira de Rodas.

Partindo da classificação da Esgrima entre os esportes de luta e descrição do jogo esgrimístico, centramos as atenções sobre os processos adaptativos de estruturas de equipamentos e regras, para, então, abordar este fenômeno na esfera da condição de execução técnica do esgrimista com deficiência. Abordamos ainda algumas questões relacionadas à classificação funcional utilizada na modalidade.

4.2) A Esgrima entre os esportes de luta

A Esgrima, na qual nos centramos neste estudo, é aquela que nasce no Ocidente como atividade guerreira, consolida-se durante o Renascimento, na Europa, com as escolas magistrais de formação de Mestres D'Armas da Itália e França. Passa a ser desenvolvida como esporte a partir do século XIX e vai ser incluída no programa dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna em Atenas, na Grécia em 1896.

A EC é subordinada à Federação Internacional de Esgrima – FIE, órgão que rege todas as ações regulamentares e de execução deste esporte no mundo, tendo reconhecidas três modalidades, que são o florete, a espada e o sabre tanto masculino como feminino.

Devido ao fato de a Esgrima, no Brasil, ter se mantido durante muitos anos restrita aos centros militares e a um pequeno grupo de praticantes, em clubes privados, ela se tornou uma modalidade esportiva pouco conhecida no país. Apesar desse quadro vir mudando devido à visibilidade que os esportes Olímpicos vêm obtendo, nos últimos anos, junto aos meios de comunicação, no caso específico da Esgrima, a imagem que as pessoas ainda têm deste esporte é a dos guerreiros que manejam espadas vinculada pelos canais televisivos.

Na realidade, a Esgrima, como arte bélica, vai perdurar até o final do século XIX, por meio dos duelos de honra e entre o corpo de algumas legiões militares, com o uso da baioneta até a Primeira Guerra Mundial (FIGUEIREDO, 2007). Com o aperfeiçoamento das armas de fogo, as armas brancas começaram a ser abandonadas, pois já não fazia mais sentido usá-las diante do poder dos novos armamentos. Por outro lado, com a inclusão da Esgrima no programa dos Jogos Olímpicos esse esporte teve que se adequar às estruturas da performance, com o objetivo de preparar um esgrimista mais atlético e versátil, adaptado às necessidades do jogo algébrico do duelo moderno e não de uma luta de vida ou morte.

Porém, como muitas lutas utilizam armas brancas como acessório do combate, é muito comum a Esgrima ainda ser confundida com Arte Marcial com fins de defesa. A atual aproxima-se muito da perspectiva de um jogo, onde o objetivo é o de explorar um erro de raciocínio, de execução técnica reflexa ou devidamente provocado no adversário (SÁNCHEZ-ELVIRA, 1993). Tais mudanças reproduziram-se também na estrutura dos equipamentos: estas foram adaptadas para fins esportivos, e, portanto, são mais leves, não possuem corte ou ponta

perfurante e têm um dispositivo eletrônico que sinaliza o toque quando chega ao adversário. Com todo este movimento, em torno das estruturas dos equipamentos e das regras, essa atividade passou a ser oficialmente reconhecida no mundo como uma modalidade esportiva.

Mesmo estando hoje na condição de esporte, a Esgrima não deixa de ser, em sua essência, uma atividade luta, porém, é oportuno dizer que existe uma grande variedade de atividades de lutas, cada qual com suas características e especificidades, situação que dificulta a classificação das mesmas e, por seqüência, a própria Esgrima.

Gomes (2008, p. 49) conceitua as *luta* como “prática corporal imprevisível, caracterizada por determinado estado de contato, que possibilita a duas ou mais pessoas se enfrentarem numa constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, com o objetivo mútuo sobre um alvo móvel personificado no oponente.” Da mesma forma, para esta autora, apesar de existir uma diversidade de modalidades de lutas, tendo cada uma suas características e particularidades históricas, existem elementos que também as aproximam, no âmbito da ação motora empregada, tipo de contato e uso ou não de implemento.

Assim sendo, a Esgrima seria definida como: *esporte de luta sem agarre que tem como ação motora tocar o adversário com um implemento (florete, espada ou sabre), seja de ponta ou corte em diversas regiões do corpo.*

Ampliando essa questão, porém tendo a compreensão da tática para classificação dos esportes, Solà (2005) categoriza os esportes de luta e, por consequência, a Esgrima, como modalidades de *habilidades técnicas configurativas com saber interpretativo*. Para esse autor, as habilidades perceptivo-motoras podem se diferenciar em dois níveis funcionais que correspondem a dois níveis funcionais psicológicos. No primeiro, existe uma relação rígida entre os elementos da construção psicológica, existindo *constância*. No segundo nível, há uma relação mutável entre os valores dos elementos da habilidade, surgindo um modelo de *configuração*, lugar onde o autor coloca os esportes de luta. Neste nível, os elementos do entorno físico da habilidade não estão sempre presentes; da mesma forma, não é possível criar estereótipos sobre os movimentos, uma vez que as respostas do adversário mudam constantemente e, também, não é possível programar anteriormente o ritmo de atuação, uma vez que o campo de ação muda a cada momento.

Ampliando a questão, Solà (2005) nos fala do *Saber como fim e do Saber como meio* no esporte. Para esse autor, no *Saber como fim* o pensamento centra-se na construção do

próprio movimento, situação presente na Ginástica Rítmica e na Natação Sincronizada. No *Saber como meio*, o pensamento centra-se sobre um objetivo final. Neste caso, tendo o saber como meio, a intenção é obter um objetivo físico com capacidade de interpretação, em condições de modificação da seqüência de movimentos, o que define um campo tático.

[...] La táctica deportiva es un Saber de Oposición entre sujetos que utilizan secuencias de movimiento en ataque y en defensa encaminadas al logro de un objetivo físico final. La táctica deportiva se convierte en un saber deportivo diferencial, porque sólo el saber interpretativo es saber táctico (SÒLA, 2005, p. 35).

Interpretando as concepções desse autor em relação à Esgrima, este esporte é uma modalidade predominantemente tática, no modelo 1 x 1 (relação interpessoal com implemento) que apresenta um saber como fim, vinculado à modificação constante da ação motora (ataque – defesa). Nesse contexto, as ações de execução da ação técnica não podem ser programadas, pois existe a imprevisibilidade tanto das situações do campo de jogo, como das próprias respostas do adversário.

Portanto, considerando os argumentos tanto de Gomes (2008) como de Sòla (2005), a Esgrima pode ser representada pelo seguinte modelo (Fig. 7).



Figura 7. Modelo de caracterização da Esgrima em cadeira de rodas

A condição física na Esgrima é importante para potencializar as capacidades funcionais do atleta; no entanto, como frisa Iglesias et. al. (2007), neste esporte a condição física é um instrumento a mais na concepção do rendimento e não um objetivo em si mesmo.

Para Peña (1993) a Esgrima deve ser entendida como uma soma de fatores anátomofisiológicos e neurofisiológicos, incluindo as demandas psicológicas e técnicas que, por sua vez, dependem do aporte genético e das circunstâncias externas (treinamento, ambiente, adversário, etc.), a soma de todos estes fatores vai influenciar a seqüência percepção-idéia/ação-realização da ação esgrimística.

A Esgrima encontra-se entre os esportes de sistema energético alático, no entanto, devido à grande variação de esforços e eventuais repousos durante o assalto³², em

³² *Assalto* é o duelo de treinamento e *match* é definido como o duelo realizado em competições oficiais.

menores proporções ocorre a implicação de outros sistemas como o anaeróbico láctico e o aeróbico (DIAZ, 1984, PENÃ, 1993 e IGLESIAS, 1995).

Elementos como capacidade de adaptabilidade física, apurado sentido de distância, tempo de reação, força relativa e equilíbrio psicológico são algumas qualidades que definem um esgrimista versátil e talentoso (THIRIOUX, 1970, BEKE e POLGAR, 1976).

O trabalho constata de manejo da lâmina e condução de ponta da arma aprimora uma qualidade especial do esgrimista, o domínio cinestésico para o *Sentiment du fer* (capacidade de percepção dos movimentos da arma adversa) e para *Le doigté* (capacidade de condução da ponta da arma apenas com a ação dos dedos) (THIRIOUX, 1970). Essas habilidades desenvolvem-se com auxílio da visão e da audição e são importantes na condição perceptiva do esgrimista, na detecção nos estímulos produzidos pelo adversário, durante o duelo. Segundo Czajkowski (1972), à medida que se aperfeiçoa o hábito motor nestas habilidades, a contribuição visual e auditiva se reduz para dar espaço às ações cinestésicas na execução do movimento. A visão e a audição não perdem totalmente sua importância neste contexto, mais modificam sua condição para a percepção da situação geral e observação dos resultados da ação.

Aliada às condições físicas, nos últimos anos, vem tomando corpo a importância do componente psicológico no desempenho dos esgrimistas. O estado conflitivo dos duelos, o stress das longas jornadas de competições e as exigências dos treinamentos exercem grandes tensões sobre as condições emocionais dos esgrimistas com respostas diretas em seu desempenho. Existem vários tipos de intervenções nesta área; estes trabalhos são desenvolvidos em coordenação com a dos técnicos e preparadores físicos no trato com a realidade prática.

4.3) Características do jogo esgrimístico

A atividade do esgrimista é composta por diversos movimentos especializados: *gestos ou movimentos técnicos específicos de Esgrima* e não especializados: *movimentos diversos com ou sem ação da lâmina*. Todos os movimentos técnicos especializados ou não, que são utilizados nas diversas variantes do jogo combativo, com a intenção fim de tocar, são denominados ações de Esgrima. A troca de ações entre o adversário, de forma contínua ou descontínua, durante um determinado período de tempo, no combate com intenções táticas, é definida como: *frases d'armas*. Tais conjuntos de trocas de ações entre ambos os esgrimistas do assalto (duelo) formam o desenho de jogo combativo na Esgrima (ARKAYEV, 1990).

O assalto da Esgrima é a expressão máxima de existência desse esporte; é no tempo e espaço deste elemento que ocorre toda a maestria do jogo das armas. Ao observarmos a apresentação de um duelo esportivo, vemos apenas a plasticidade de execução de um toque, porém, há um grande envolvimento cognitivo, físico e emocional, para solução dos dilemas que viabilizarão a concretude deste toque.

Tendo em vista esta realidade, é muito comum, o jogo, na Esgrima, ser comparado ao do xadrez. A diferença, no entanto, como nos alerta Iglesias et. al. (2007), é que na Esgrima não se pode parar o relógio para pensar e, portanto, a dinâmica se apresenta de forma mais complexa, pois, além disso, existe um todo empenho cognitivo, para solução dos problemas apresentados pelo adversário. O duelo se desenvolve com ampla gama de deslocamentos, realizações e adaptações de movimentos técnicos e relações táticas, em um curto espaço de tempo.

Esta forma de entender o jogo da Esgrima corrobora, em muitas condições, a realidade dos Jogos Desportivos Coletivos apontados por GARGANTA (1995). Este autor destaca que, no jogo destas atividades, a imprevisibilidade é uma constância, pois a frequência, a ordem cronológica e a complexidade não podem ser previstas, o que subteme, por parte dos jogadores, um estado de atitude tático-estratégico. Por sua vez, na construção dessa atitude, a

seleção do número e da qualidade das ações depende do conhecimento que o indivíduo tem das próprias dimensões do jogo. Por isto, a atuação no jogo é fortemente condicionada pela maneira como o jogador percebe e concebe o próprio jogo, pois essas condições vão orientar as ações de decisões, organização da percepção, compreensão das informações e a resposta motora.

A atitude técnico-tática, semelhantemente aos Jogos Coletivos Desportivos toma um espaço capital diante da complexidade do jogo estratégico da Esgrima, os demais domínios (físico, técnico e psicológico), não se encontram em condição secundária, mas de suporte à evolução tática. Na Esgrima é possível ganhar um combate com grande maestria tática e fraca condição física, porém o inverso não é verdadeiro.

Segundo Keler e Tishler (1984), a tática na Esgrima se estabelece pelo campo conflitivo de intenções e objetivos entre os participantes do duelo, no qual cada qual, dentro de suas condições funcionais, busca a todo o momento obter informações a respeito das intenções do oponente. Uma vez em posse destas informações, ambos estabelecem um plano de ações combativas, visando, ao mesmo tempo, anular o modelo de jogo do oponente, bem como impor o seu.

Tendo a imprevisibilidade como uma constância do duelo, o esgrimista deve ser capaz de formar desenhos mentais daquilo que ele pretende fazer, tendo em vista o modelo de jogo apresentado pelo adversário. Na prática, as ações complexas são desenvolvidas por meio de ações de segundas e terceiras intenções. Essas ações, conforme descreve Iranyi (1973), são aquelas que são conscientemente preparadas para obter do adversário uma reação contrária e esperada, a fim de surpreendê-lo com um golpe. As ações de segundas intenções têm relação direta com o componente tático das armas e compreende o repertório principal dos grandes atletas.

O desafio dos investigadores, nos últimos anos, vem sendo a de justamente entender a tática no jogo da Esgrima, a fim de oferecer subsídios aos Mestres d'Armas para a modelação do treinamento dos atletas. De acordo com Czajkowski (1972), durante muitos anos a Esgrima esteve baseada no ensino restrito da técnica, por meio da perfeição do gesto ou do movimento da ação de Esgrima. A tática, por sua vez, ficava como um elemento a ser adquirido com as experiências dos anos de prática. Essa forma de pensar o ensino na Esgrima produziu atletas extremamente estilizados na capacidade de execução das ações técnicas, mas de pouca

ou quase nenhuma utilidade nas soluções táticas, na capacidade perceptiva e nos valores de reação aos estímulos.

É interessante destacar que esse problema também se fez presente no âmbito dos Jogos Desportivos Coletivos, como descreve (MESQUITA, 2005). Esta autora coloca que, ao longo de muitos anos, a técnica constituiu o elemento principal no processo de ensino-aprendizagem dessas atividades, no qual a ênfase recaía sobre a busca do “gesto técnico”, independentemente do uso que se esperava dele no jogo. Esta divisão entre técnica e tática gerava um conflito entre as situações analíticas e as globais.

As vertentes contemporâneas de ensino-aprendizagem dos Jogos Desportivos Coletivos buscam trabalhar o mais próximo possível da realidade concreta das situações conflitivas do jogo, por meio de abordagens mais globais, “nas quais a aprendizagem é encarada como a apreensão do todo, sendo conferida ao próprio praticante a construção ativa do significado das situações de aprendizagem (MESQUITA, 2005, p. 74).”

No caso da Esgrima, tal realidade solicitou um processo de aperfeiçoamento, não somente dos modelos metodológicos de ensino, mas também da conduta de ensino dos próprios mestres e técnicos que, por sua vez, também tendiam a reproduzir um estilo de aula mecânica e com pouca relação com a situação de conflito.

A presença de pessoas com deficiência, no universo da Esgrima, trouxe novos desafios para essa modalidade e seus profissionais. Ao aliar a dimensão do jogo das armas brancas com a heterogeneidade e capacidade criadora do indivíduo, diante da deficiência, surge a necessidade de se desenvolverem novos olhares sobre a realidade do duelo conflitivo, como também dos meios de ensino e aprendizagem com esse esporte. A *adaptação* e a *criatividade* tomam lugar neste processo, pois é por meio destes elementos, que a Esgrima direcionada à pessoa com deficiência vai estabelecer suas características e estruturas de existência.

4.4) A extensão das adaptações na Esgrima em Cadeira de Rodas

A Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR) se diferencia muito pouco da Esgrima Convencional (EC), no que concerne às estrutura dos equipamentos já existentes e comuns ao próprio esporte. O que houve, de fato, é que foram desenvolvidos novos materiais que se tornaram específicos para os praticantes com deficiência, como o fixador de cadeira de rodas, a saia metálica³³ de isolamento dos membros inferiores e as cadeiras de rodas esportivas, projetadas para serem acopladas aos fixadores (Fig. 8).



Figura 8. Equipamentos específicos para a Esgrima em Cadeira de Rodas

Além disso, a pista metálica de jogo³⁴ teve que ser reduzida, a fim de se adequar

³³ Saia metálica é constituída de material condutivo, permitindo que ela seja aterrada eletricamente, a fim de bloquear os toques do adversário que chegue aos membros inferiores.

³⁴ A pista metálica é considerada o terreno de jogo dos esgrimistas, pelo Regulamento Oficial da Federação Internacional de Esgrima (2004), a pista da EC deve ter 14 metros de comprimento por 1,50 a 2,00 metros de largura de área útil. Por sua vez, também deve ser constituída de material capaz de conduzir corrente para que a mesma possa ser aterrada, evitando que o aparelho de sinalização seja acionado toda vez que o esgrimista tocar no

ao fixador de cadeira de rodas; os demais equipamentos como o aparelho de sinalização de toques³⁵ e enroladeiras³⁶, além daqueles utilizado pelo esgrimista, como as armas, roupa, máscara e luva, não sofreram modificações (MARTINEZ, 1994).

Na ECR, os esgrimistas não se deslocam, pois as cadeiras são bloqueadas pelo fixador de cadeira de rodas (Fig. 9), permitindo aos esgrimistas jogarem com segurança e sem o receio de a cadeira virar e causar um acidente. Os fixadores de cadeira são constituídos por duas plataformas, medindo cada uma 78 cm de diâmetro, que estão unidas uma à outra por uma barra central formando uma disposição em ângulo de 110°. As plataformas têm um par de sistema de agarre, para fixação das rodas da cadeira, impedindo que elas se desloquem durante o combate.

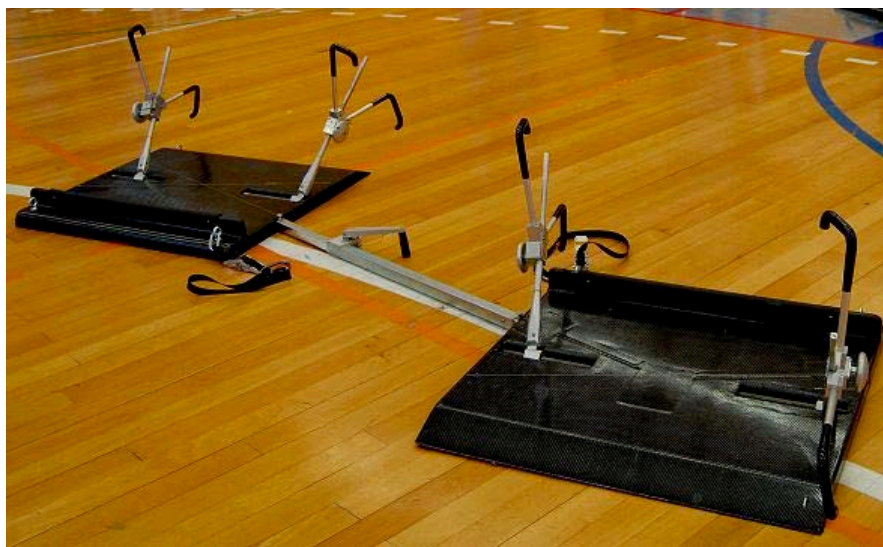


Figura 9. Fixador de cadeira de rodas feito de fibra de carbono.

Em competições oficiais, o fixador de cadeira de rodas deve estar disposto sobre a pista metálica de Esgrima que, por sua vez deve estar aterrada ao aparelho de sinalização de toques.

chão. Na ECR, devido ao fato de os esgrimistas não se deslocarem durante o assalto, a pista é menor e tem 4,5 metros de comprimento por 2,5 metros de largura.

³⁵O aparelho de sinalização de toques é um equipamento que foi desenvolvido com o objetivo de facilitar a identificação de um toque, por meio de lâmpadas de identificação: este equipamento permite a materialização do toque quando chega ao corpo do adversário.

³⁶Enroladeira é um sistema de extensão que tem por objetivo conectar a arma do esgrimista ao aparelho de sinalização de toques.

Esse equipamento permite o ajuste das distâncias entre os esgrimistas, sendo que, para isto, ambos os esgrimistas devem estar sentados em suas cadeiras de rodas com tronco totalmente na posição vertical e centralizado no assento. Uma vez nesta condição, um dos esgrimistas deverá flexionar a articulação do cotovelo da mão armada, formando um ângulo de 90° graus entre braço e antebraço; o outro esgrimista deverá estender a articulação do cotovelo do braço armado em direção ao adversário. A partir daí, a medida é definida da seguinte forma: a) no florete - colocar a ponta da arma na face interna da articulação do cotovelo do adversário sob uma linha imaginária vertical, entre o braço e antebraço; b) na espada e sabre - colocar a ponta da arma próxima ao olécrano (ulna) da articulação do cotovelo do adversário. A distância é definida tendo como referencial o esgrimista com menor envergadura, conforme apresentado na Figura 10.



Figura 10. Linhas imaginárias de definição da distância nas três armas da Esgrima.

Além do fixador, houve a necessidade de ser desenvolvido um tipo de cadeira de rodas esportiva, específica para os assaltos da ECR, permitindo ao praticante maior liberdade para realização das ações de Esgrima. De acordo com Regulamento Oficial da ECR, do Manual do IPC (2004), a cadeira de roda esportiva deve ter as seguintes medidas: a) no máximo 63 cm

de altura do chão até o limite superior da almofada ou 53 de altura do chão até o limite do assento, sem a almofada; b) o apoio do dorso deve ter no mínimo 15 cm de altura, desde o assento ou da almofada; c) a almofada não pode ter mais que 10 cm de altura e ter dimensão igual ao do assento da cadeira; d) a cadeira deve comportar um respaldo lateral de quadril do lado oposto à mão armada. de no máximo 10 cm de altura, do lado da mão armada não pode haver respaldo de proteção do quadril; e) a cadeira deve ser totalmente isolada com algum tipo de material permanente, conforme Figs 11 e 12.

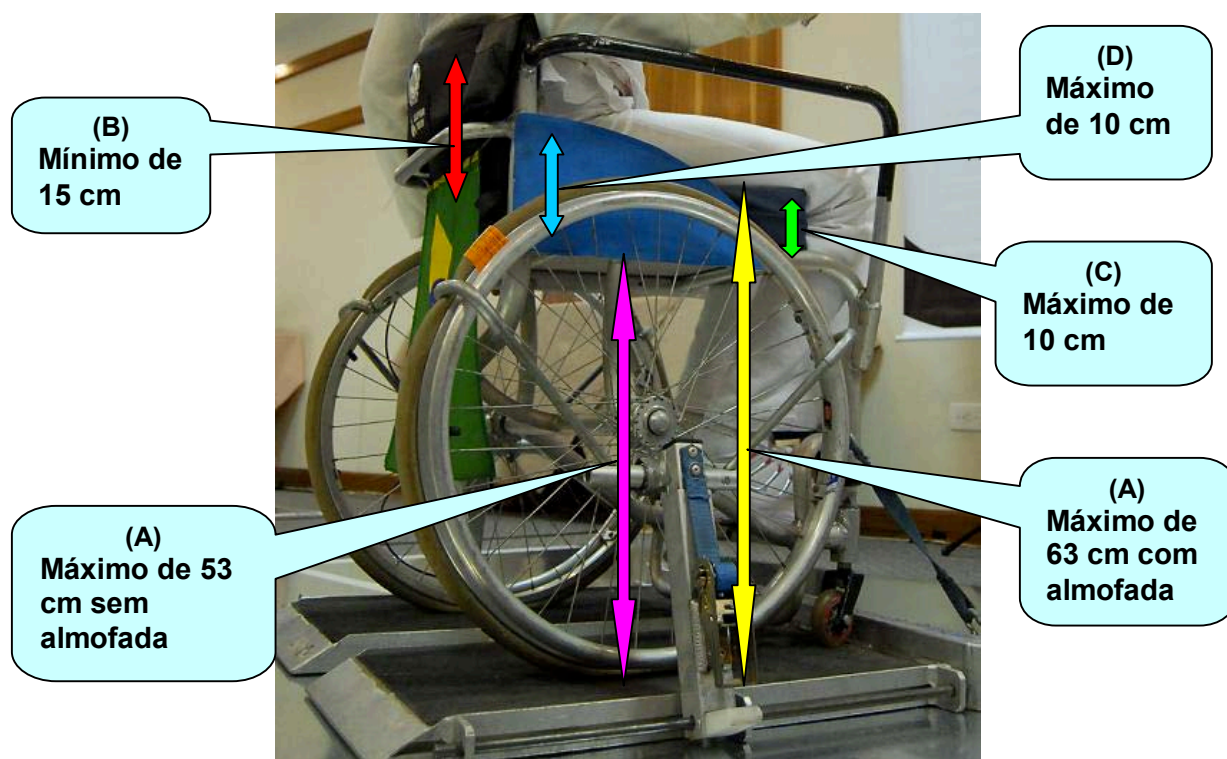


Figura 11. Cadeira de rodas da Esgrima, face oposta à mão armada com apoio.



Sem respaldo lateral

Figura 12. Cadeira de rodas da esgrima, face da mão armada sem o respaldo do quadril e apoio para mão.

No sentido prático, essas adequações produzem mudanças significativas na cadeira de rodas, pois, além de ficar em situação mais elevada, quando comparada às cadeiras comuns, também permitem ao esgrimista maior liberdade para realização de qualquer ação de Esgrima. Outro fator importante é que a adaptação de uma cadeira comum para uma cadeira esportiva de Esgrima não exige grandes modificações e o custo desse trabalho é relativamente baixo, quando comparado ao de outros esportes.

É permitido anexar uma barra (Fig. 13) para apoio para mão desarmada, a fim de auxiliar na execução das inclinações de tronco, na realização do afundo, das esquivas e de outras ações com a arma. No caso de indivíduos com pouca capacidade funcional de tronco, tendo o auxílio da mão desarmada, na realização do movimento, estes esgrimistas ampliam o seu potencial de execução do movimento técnico.

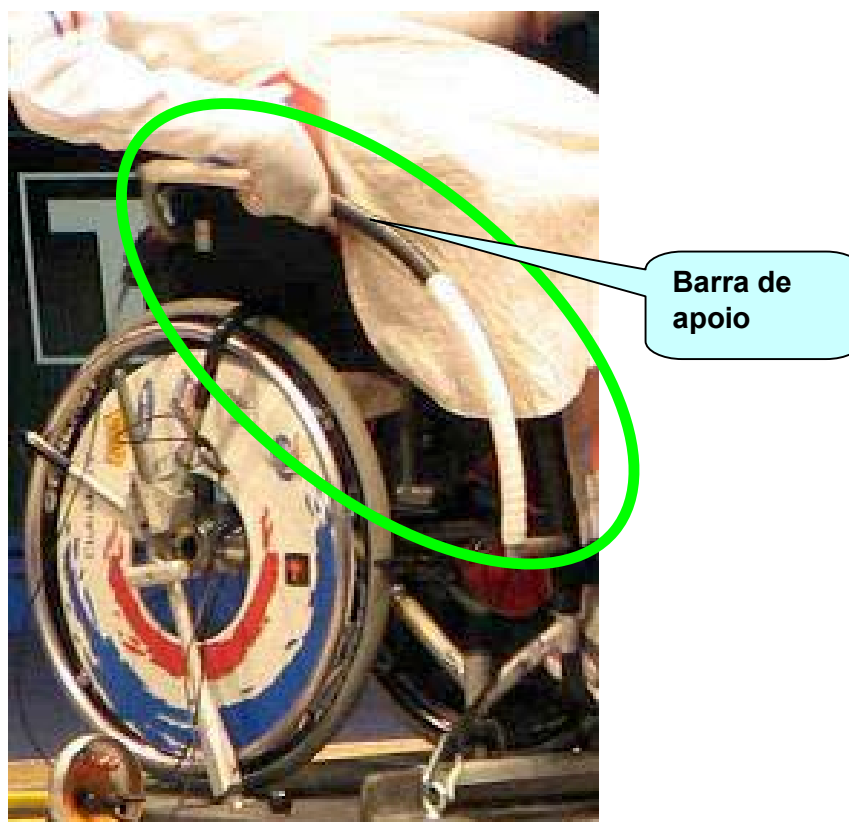


Figura 13. Barra de apoio para mão desarmada utilizada na execução dos movimentos de inclinação

É importante frisar que as adaptações na ECR são mais amplas do que aquelas descritas no Regulamento Oficial da modalidade. Como nas deficiências físicas, a diversidade e a apresentação da lesão não são iguais, cada qual exige intervenções particulares. Daí evidenciar-se a capacidade criativa dos treinadores e dos demais profissionais envolvidos com o ensino da Esgrima para pessoa com deficiência, na busca de alternativas e procedimentos de adequações dos equipamentos, como nos exemplos das Figs. 14, 15 e 16.

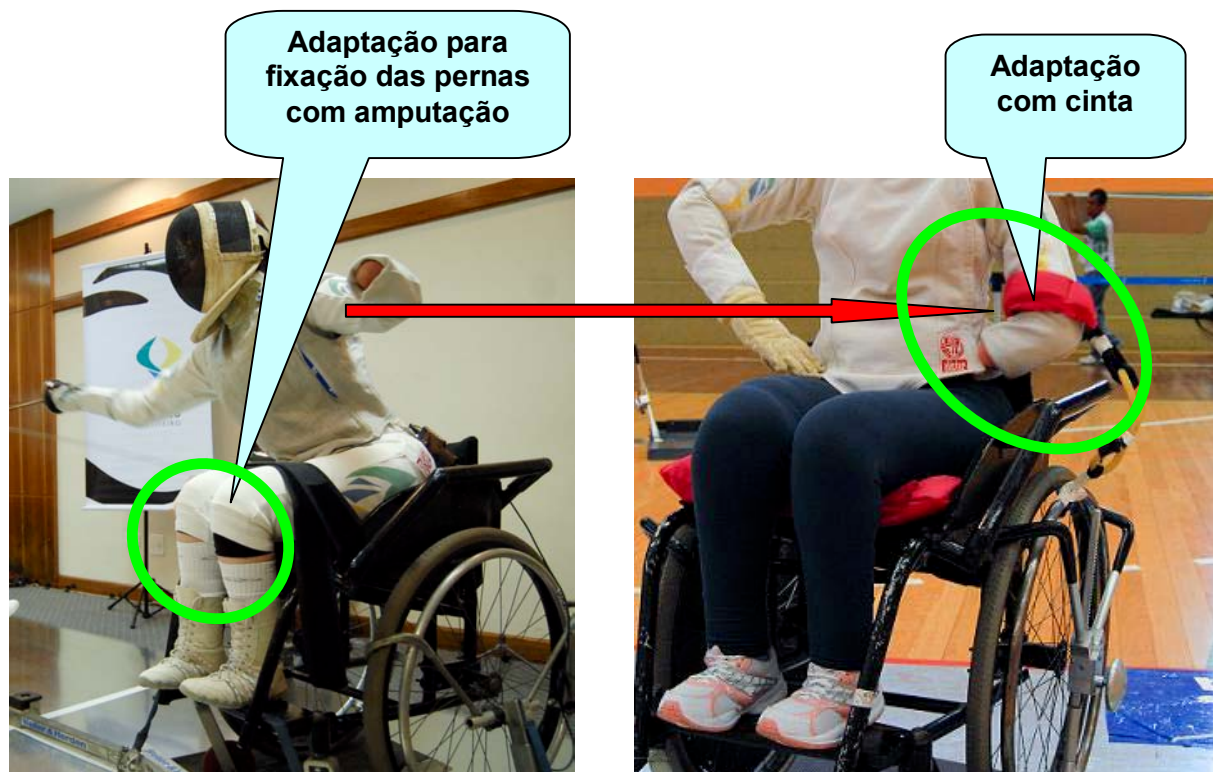


Figura 14. Situação de esgrimista com amputação de punho e perna com as respectivas adaptações.

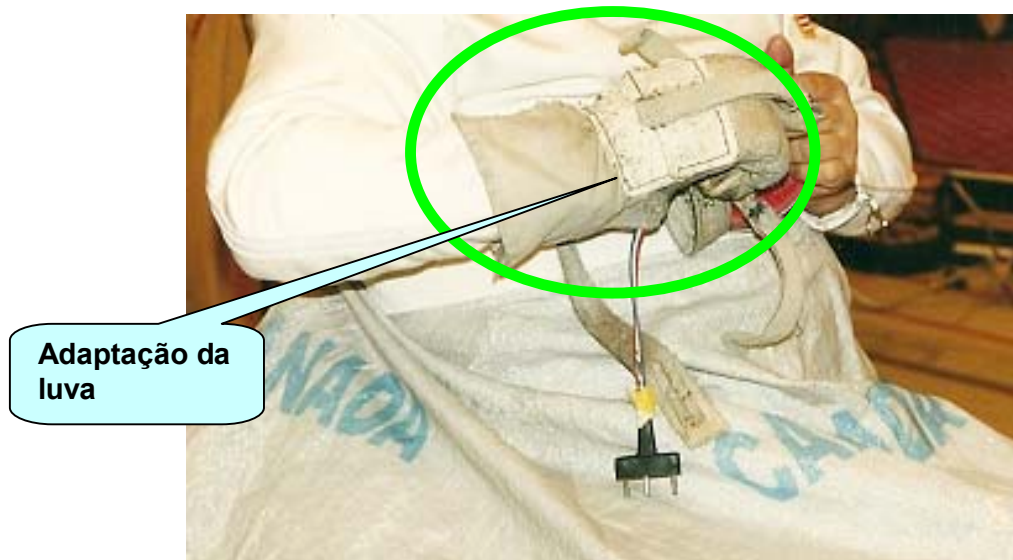


Figura 15. Adaptação realizada sobre a estrutura da luva a fim de possibilitar a ação de empunhadura da arma.



Figura 16. Adaptação realizada no pedal da cadeira a fim de adequar a lesão dos membros inferiores do esgrimista.

Quanto às regras utilizadas na ECR, referentes à direção dos assaltos e organização das competições, elas são as mesmas descritas para a EC e, portanto definidas pelo Regulamento de Provas da Federação Internacional de Esgrima – FIE. Porém, tendo em vista algumas particularidades inerentes à ECR, houve também a necessidade de adequações nesta área.

Um componente importante, que muda toda dinâmica do assalto da ECR, é que as cadeiras dos esgrimistas não se deslocam durante o combate e, uma vez definida a distância entre os mesmos, esta também não se altera. Da mesma forma, o árbitro também não se desloca e quase sempre fica sentado em uma cadeira, o que não significa que tal condição leve a direção do assalto da ECR a ser mais simples que da EC (Fig. 17). Na ECR, as frases d'armas costumam se desenvolver com muita velocidade e constante movimentação de tronco, ampliando a dificuldade de observação daquele que dirige o duelo. Por esta razão, é comum árbitros experientes na condução dos assaltos da EC apresentarem dificuldades para identificar as frases d'armas dos esgrimistas com deficiência.



Figura 17. Condição na qual se posiciona o árbitro durante o assalto na Esgrima em Cadeira de Rodas

Um campo que, todavia, é muito pouco discutido em relação à adaptação na ECR é a área pedagógica de ensino e aprendizagem (Fig. 20). Há poucos trabalhos neste campo, pois encontram-se armazenados na experiência prática dos Mestres D'Armas deste esporte.



Figura 18. Aula coletiva de Esgrima ocorrida no I Seminário e Capacitação de Esgrima em Cadeira de Rodas de Curitiba, em 2008.

Em certa medida, esta forma um tanto “inconsciente” de ver o ensino na ECR revela, mais uma vez, o paradoxo da deficiência, na qual destaca Sacks (1995), pois diante da deficiência, a nossa concepção das situações-problema se alteram para uma dimensão criativa para a busca de soluções mais adequadas de ajustes.

No sentido prático, tal situação revela a capacidade criadora dos profissionais da ECR, pois uma vez comprometido com a causa da pessoa com deficiência, elementos como acessibilidade ao local de prática, desenho dos acessórios de treinamento e, em especial, os métodos de ensino da modalidade passam a ser pensados a partir de uma perspectiva de adaptação.

4.5) Considerações do sistema de classificação da Esgrima em Cadeira de Rodas

Conceitualmente, a classificação funcional, no esporte paraolímpico, busca oferecer condições competitivas mais justas, por meio do nivelamento entre a capacidade física e competitiva, agrupando deficiências semelhantes em uma mesma categoria (CIDADE E FREITAS, 2002). Já Castro (2005) nos diz que o sistema de classificação funcional permite que atletas com deficiências semelhantes tenham a oportunidade de jogarem na mesma categoria, com um nível relativo de igualdade. Para tanto, busca-se avaliar a capacidade de ação residual muscular do atleta aliada com a técnica empregada na modalidade.

No caso da ECR, o atual sistema foi proposto pela alemã Rita Strohn, nos campeonatos Europeus de Glasgow, em 1987 e aplicado, pela primeira vez, em Seul na Coreia, em 1988. Podem participar das competições da ECR somente indivíduos com deficiência motora, sendo as amputações, paraplegias, má-formação congênita e acidentes vasculares as lesões mais comuns entre os atletas desta modalidade (Regulamento Oficial da ECR do IPC, 2004).

Existem relatos da prática da Esgrima por indivíduos com outros tipos de deficiências que não sejam motoras, porém, por questões históricas e políticas, esses não podem

participar das competições oficiais da IWFC. Nazareth (2001), por exemplo, fala que existem surdos que praticam a Esgrima, porém incluídos nas provas convencionais, já que superados os problemas de comunicação, o surdo consegue jogar normalmente a EC com pessoas ouvintes.

Segundo o Regulamento del Manual del Comité Paraolímpico Internacional (2004), o processo avaliativo da ECR é realizado por meio de um conjunto de provas funcionais que visam estabelecer um parâmetro quanto à condição funcional do atleta, em função da sua capacidade de realização de movimentos específicos de Esgrima como inclinações do tronco em várias direções, simulando a execução do afundo³⁷, recuo do tronco para trás e para os lados em atitude de contra-ataque, flexão e extensão da articulação do cotovelo do braço armado na forma de ataque, conforme apresentado no Quadro 3.

QUADRO 3
Sequência das provas funcionais da Esgrima em Cadeira de Rodas

PROVA Nº	OBJETIVO	DESCRIÇÃO DO MOVIMENTO ³⁸
Prova 1	Avaliar a extensão da musculatura dorsal	Tronco flexionado e apoiado sobre as pernas com os cotovelos estendidos e braços ao lado do corpo, realizar a extensão lombar retornando o tronco à posição vertical, sem o apoio das mãos
Prova 2	Avaliar o equilíbrio lateral dos braços (músculos oblíquos)	Estando os cotovelos estendidos e braços em posição lateral na linha dos ombros, realizar movimentos de flexão e extensão lateral oblíqua do tronco, em ambos os lados.
Prova 3	Avaliar a extensão da musculatura dorsal com ação limitadora	Tronco flexionado e apoiado sobre as pernas, com os cotovelos flexionados e mãos apoiadas na nuca, realizar a extensão lombar retornando o tronco à posição vertical.
Prova 4	Avaliar o equilíbrio lateral dos braços (músculos oblíquos com ação limitadora)	Estando os cotovelos estendidos e braços em posição lateral na linha dos ombros, realizar movimentos de extensão e flexão lateral oblíqua do tronco, em ambos os lados ,segurando uma arma.

Fonte: Regulamento del Manual del Comité Paraolímpico Internacional (2004)

³⁷ O afundo é o um movimento ofensivo que é realizado alongando-se o braço armado em direção ao adversário, seguido da máxima inclinação do tronco a fim de tocá-lo.

³⁸ Todos os movimentos são realizados na cadeira de rodas.

Após o atleta ser avaliado, ele é classificado dentro de uma das 5 (cinco) classes da Modalidade que são 1A, 1B, 2, 3 e 4, para, em seguida, ser definitivamente direcionado para uma das 3 (três) categorias da ECR, que são A, B e C, conforme apresentado no Quadro 4.

QUADRO 4

Categorias da Esgrima em Cadeira de Rodas conforme a determinação da classe

Nível de comprometimento	Classe	Categoria
Grande equilíbrio na cadeira de rodas com possibilidade de apoio das pernas braços normais Lesões abaixo da L4 ou deficiências equiparáveis	Classe 4	A
Grande equilíbrio na cadeira de rodas sem ação das pernas, com o braço armado normal Paraplégicos – D10 a L2 com pontuação nas provas nº 1 e nº2 entre 5 e 9 Amputação dupla acima do joelho ou lesões incompletas acima de D10 e deficiências equiparáveis	Classe 3	A
Bom equilíbrio na cadeira de rodas Braço armado normal Tetraplégicos incompletos com braço armado minimamente lesionado e equilíbrio na cadeira de rodas Paraplégicos – D1 a D9 que não conseguiram mais que 4 pontos nas provas nº 1 e nº2	Classe 2	B
Sem equilíbrio na cadeira de rodas Braço armado lesionado Funcionalidade na extensão do cotovelo mas sem flexão funcional dos dedos da mão armada A arma necessita ser fixada com ataduras Tetraplégicos – C7 e C8 ou lesões superiores incompletas	Classe 1B	C
Sem equilíbrio na cadeira de rodas Braço armado lesionado Extensão prejudicada do cotovelo da mão armada Sem funcionalidade da mão dominante, com necessidade de fixação da arma com ataduras Tetraplégicos – C5 e C6	Classe 1A	C

Fonte: Reglamento del Manual del Comité Paraolímpico Internacional (2004).

É importante destacar que, sendo a Esgrima um esporte de ampla exigência cognitiva, no caso de lesões físicas que tenham comprometimento cerebral ou qualquer outra deficiência que remeta a dúvidas, quanto à classificação da mesma, é necessário ampliar a avaliação para observação do atleta durante a competição.

Apesar de o sistema de classificação, nos esportes paraolímpicos, ser considerado um avanço, em relação ao primeiro sistema que se baseava exclusivamente nas características médicas (Castro, 2005), ainda há muitas críticas nesse campo, devido ao fato de haver muitas inconsistências entre a condição da deficiência e o resultado obtido por alguns atletas em competições, colocando em dúvida a capacidade de avaliação do método. Nesse sentido, há um trabalho coletivo dos profissionais em vários esportes na tentativa de ir ao encontro de um sistema mais eficiente que avalie as capacidades funcionais, em relação ao efetivo desempenho esportivo dos atletas.

Este problema também se faz presente na ECR, pois é comum ocorrerem dúvidas quanto à real classificação de alguns competidores. O problema recai sobre o fato de determinados esgrimistas, uma vez classificados, apresentarem níveis de desempenho motor e técnico nos assaltos, superiores ao esperado para a categoria na qual se encontram. Neste caso, é comum o Comitê de Classificação Funcional solicitar uma reavaliação do atleta.

Outro problema, que gera algumas discussões nesta área, refere-se ao fato de na ECR existirem somente 3 (três) categorias para divisão dos atletas classificados. Tendo em vista a amplitude das lesões e condições funcionais, no âmbito das deficiências motoras, mesmo que os atletas sejam bem classificados, ao serem divididos em poucas categorias, a possibilidade de se reunirem indivíduos com níveis funcionais muito distantes entre si também se amplia. Porém, parte desse problema relaciona-se ao fato de o universo de praticantes da ECR, no mundo, ainda ser muito pequeno, situação que, em certa medida, inviabiliza a formação de muitas categorias.

4.6) Particularidades do perfil do esgrimista cadeirante

Lembrando o que foi dito anteriormente, quando falamos da reorganização adaptativa do organismo, face à deficiência, tal processo também irá influenciar na forma como o indivíduo com deficiência concebe e joga a Esgrima, definindo, com isso, um conjunto de características exclusivas a estes praticantes.

O primeiro ponto a ser considerados, nesse sentido, envolve o fato de os esgrimistas com deficiência permanecerem sentados na cadeira de rodas, durante o assalto. A própria estrutura da cadeira de rodas vai se apresentar como um limitante, pois a região de colocação de toques se reduz, quando comparada à dos esgrimistas convencionais (Fig. 19).



Figura 19. Guarda de Esgrima (THIRIOUX, 1970).

Isso posto, as ações dos esgrimistas cadeirantes apresentam um repertório de jogo prioritariamente de ações de linhas altas³⁹, o que não elimina as ações de linhas baixas, que são utilizadas em menor proporção.

Na Esgrima, o atleta não pode reagir somente diante da apresentação da ação (estímulo) do adversário, mas, antes disso, deve prever a ação que o adversário irá fazer, a fim de preparar uma solução com antecedência (KELER e TISHLER, 1984). Em certa medida, o estado estático das cadeiras de rodas favorece que os esgrimistas cadeirantes sejam mais suscetíveis a esta atitude estratégica, entendendo-se que a observação prévia do duelo passa a ser um elemento importante nessa modalidade.

Toda estrutura de jogo do esgrimista cadeirante se vê concentrada nas ações de movimentação do tronco e dos membros superiores; tais movimentos costumam ser potencializadas não somente pelo treinamento técnico, com trabalhos de quebra de ritmos⁴⁰, mas também por meio de treinamentos físicos especializados. É importante dizer que o estado estático das cadeiras de rodas na ECR não significa ausência de movimentação, muito pelo contrário, o jogo esgrimístico dos atletas com deficiência é extremamente ativo, com vários movimentos, semelhantes aos utilizados pelos esgrimistas convencionais.

Os esgrimistas com deficiência dependem muito da capacidade de reação, principalmente a de tronco para saída da ação inicial, no momento da voz de “combate” do árbitro. Devido a essa grande especialidade, é muito comum os esgrimistas convencionais treinarem com os esgrimistas com deficiência justamente para aperfeiçoarem esta capacidade e melhorarem a velocidade de braço na condução da arma.

No esgrimista cadeirante, a limitação da lesão não se reproduzirá na impossibilidade de ele praticar a Esgrima, em razão de ele não conseguir realizar um gesto ou ação técnica-padrão. Ao contrario, a pedagogia deve adequar-se à realidade do aluno, a fim de buscar novos desenhos de execução, permitindo que ele consiga resolver o problema no âmbito do jogo da Esgrima, de forma eficiente e confortável.

³⁹ São consideradas linhas a porção do espaço considerado em relação à mão do atirador, na qual este último pode mover sua arma

⁴⁰ A quebra de ritmo na Esgrima é definida como uma marcação de tempo pré-organizada da ação de movimento técnico e/ou deslocamento do atleta, em relação aos tempos de movimentação do adversário, a fim de confundi-lo e, por consequência, tocá-lo em o seu erro de tempo de deslocamento.

É comum, nos esportes de lutas, os contendores explorarem os pontos fracos do oponente, seja no âmbito das suas condições físicas ou técnicas. No caso da ECR, Nazareth, Duarte e Iglesias (1998) notaram que esta atitude se amplia também para a condição da deficiência, pois os esgrimistas costumam explorar os déficits funcionais do adversário, para definir um toque. Ou seja, na ECR os esgrimistas também jogam taticamente sobre as condições da deficiência e da funcionalidade do adversário.

CAPÍTULO V

PEDAGOGIA DE ENSINO NA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS

5.1) Introdução

Estando voltado para iniciação da modalidade, o presente Capítulo tem por objetivo propor indicativos pedagógicos para ensino dos fundamentos da Esgrima em Cadeira de Rodas - ECR. Ao abordarmos a pedagogia de ensino e aprendizagem na ECR, entramos num campo inexplorado desse esporte, pois os conhecimentos nesta área ainda se encontram limitados quase que totalmente à experiência prática dos profissionais que se dedicam ao ensino da Esgrima para pessoas com deficiência. Devido a isto, praticamente não existem artigos ou pesquisas que tratem do assunto com propriedade.

Adams et. al. (1985) surge como um dos primeiros pesquisadores, ao propor algumas adequações no ensino da Esgrima em relação às características da deficiência. Além de orientar quanto à melhor forma de intervir na modalidade, em função ao tipo de deficiência; também alerta para as prevenções em relação à mesma, no ensino.

Nazareth (2001) é outro pesquisador a discutir a pedagogia da Esgrima com pessoas com deficiência, em especial com pessoas surdas. Em seu trabalho, esse autor chama a atenção para a importância do domínio da linguagem no ensino da esgrima para o surdo, pois, se ele não dominar algum método de linguagem gestual ou oralizada, terá grandes dificuldades de aprender tanto o conceito e significado dos fundamentos técnicos da modalidade, como aplicá-los taticamente no assalto.

Para tanto, iniciamos a nossa discussão pela apresentação do esporte Esgrima e sua ação como atividade educacional, situando a importância de valorizar-se o processo e a ludicidade, ao invés da especificidade e perfeição da técnica, quando pensamos no ensino formativo da Esgrima. Em seguida, considerando as obras de Thirioux (1970); Beke e Polgar (1976); Arkayev (1990), a atenção volta-se para as bases pedagógicas de ensino da Esgrima, buscando descrever alguns princípios que normatizam o processo de ensino e aprendizagem desse esporte.

A proposta pedagógica de ensino na ECR entra na sequência desta seção, com a apresentação dos fundamentos técnicos básicos e implicações, em relação à deficiência. Considerando-se a nossa experiência no ensino deste esporte, a todo o momento buscamos

contribuir com sugestões pedagógicas, na intenção de alertar o educador quanto aos pontos importantes que possam influenciar o processo de intervenção de ensino.

5.2) A pedagogia do esporte no ensino da Esgrima

Popelin (2002), ao abordar a pedagogia de ensino e aprendizagem na Esgrima inicia a sua discussão a partir da seguinte pergunta: *Quais são as causas do abandono prematuro da Esgrima?* Esta indagação não traria espanto, se não fosse pelo fato de este autor estar se referindo a uma das maiores potências da Esgrima no mundo, que é a França, país onde este esporte tem uma larga tradição e se consolidou na produção de vários campeões Olímpicos e Paraolímpicos, ao longo da sua história. Neste sentido, parece ser um tanto contraditório levantar-se tal questão diante da solidez da estrutura da Esgrima francesa e de seus profissionais de ensino.

Porém, aquele autor notou que, se por um lado, os excelentes resultados obtidos pelos atletas de elites de seu país atraíam um grande número de novos praticantes para a Esgrima, algum fato levava boa parte desses alunos também a abandonarem rapidamente a modalidade. Concluiu, com suas análises, que o problema desta evasão se encontrava na forma de intervenção adotada por muitos profissionais, que ainda continuavam a ensinar a Esgrima de forma clássica e igual aos seus antigos Mestres D'Armas.

Do ponto de vista histórico, o Mestre D'Armas sempre teve um lugar de destaque na razão de existência da Esgrima, pois, em séculos passados, sem as instruções deste profissional, era quase impossível sair vivo de um duelo de honra. O Mestre D'Armas sempre foi reconhecido como aquele que detém todos os conhecimentos da arte das armas brancas, tendo a obrigação de transmiti-las às gerações futuras (LACAZE, 1991).

Pérez-Reverte (2003) em seu romance *O Mestre de Esgrima*, consegue passar ao leitor um pouco da imagem deste profissional no século XIX, a partir da figura de Don Jaime de Astarloa.

[...] um homem habituado aos usos da tradição, a honra é mais importante que o sucesso ou o poder político. O sexagenário professor de esgrima permanece fiel aos valores de

toda uma vida: a lealdade é um princípio natural e a nobreza significa mais do que títulos adquiridos em ocasião propícia (PÉREZ-REVERTE, 2003, p. 1)

Nota-se com isto, que a função do Mestre D'Armas sempre esteve envolta tanto pelo ensino do manejo das armas, como também pela manutenção dos bons costumes e formação do caráter. A partir disso, com o passar dos anos, criou-se uma aura em torno deste profissional, a ponto de seu conhecimento jamais poder ser questionado.

A gradativa transição da Esgrima bélica para um moderno esporte de competição não trouxe grandes transformações para a didática adotada pelos Mestres D'Armas, estando o seu trabalho, até o final dos anos 1960, centrado ainda na concepção tradicional de ensino da técnica pela técnica, em que a busca seria pelo gesto perfeito em seu aspecto restrito (CZAJKOWSKI, 1972). Por sua vez, o método clássico de ensino da Esgrima, deu pouco espaço para expansão da ludicidade, já que o gesto ou ação técnica sempre primou pela constante repetição, tornando as aulas enfadonhas e pouco motivadoras para os alunos principiantes.

Os conhecimentos na área pedagógica da Esgrima começaram a ganhar corpo somente a partir dos anos 1970, com o surgimento das primeiras propostas de sistematização do ensino das ações técnicas e táticas da Esgrima. Thirioux (1970) inicia ricamente esta vereda, por meio de uma proposta metodológica detalhada sobre os fundamentos e formas de progressão dos exercícios técnicos nas lições individuais nas três armas.

Nessa mesma linha, posteriormente surgem novos autores como Beke e Polgar (1976), Keler e Tishler (1984), Arkayev (1991), entre outros. Contudo, um fator importante, em relação às obras dos autores supracitados, é que, e além de seguirem uma abordagem basicamente tradicional de ensino, a ênfase da proposta é dada quase que exclusivamente ao desenvolvimento do atleta, com poucas contribuições para formação global da pessoa.

Revenu (1985) vai quebrar este paradigma, ao apresentar uma abordagem mais lúdica e adequada a formação do aluno iniciante. Já Popelin (2002) é mais radical e por isto propõe uma ruptura com os modelos clássicos da busca do movimento perfeito, pois, somente assim, o autor acredita que a Esgrima irá definitivamente se tornar uma atividade mais atraente para os alunos iniciantes.

O rompimento, proposto por Popelin (2002), não busca desconsiderar os conhecimentos do passado, mais modificar os meios e procedimento de ensino para um viés

educacional e lúdico, a fim de se pensar primeiramente na formação do indivíduo e, por consequência, na do possível atleta.

Fonseca (2000), quando analisa os motivos que levam os jovens a praticarem um esporte, observa uma série de fatores que influenciam, mas a maioria dos treinadores, além de não terem idéia destes motivos, poucos têm consciência do impacto que exercem sobre os seus alunos. Tal situação vem evidenciar o descompasso que existe entre as expectativas dos alunos e dos seus treinadores quanto àquilo que cada um espera da prática esportiva.

De acordo com aquele autor, em primeira instância, o que move o jovem para o esporte é o fato de ele poder se relacionar e viver momentos de prazer com outras pessoas. Outra razão importante é de buscarem obter competência no esporte, não somente pela vitória no jogo, mas também na vivência de situações de sucesso da prática. Além dos motivos anteriores, há a busca da melhoria da forma física e o divertimento. Portanto, os jovens não deixam de exprimir suas intenções de, um dia, obterem sucesso por meio do esporte quando resolvem praticá-lo, pois a figura do ídolo-atleta exerce um grande fascínio sobre o seu imaginário,. Mas tal objetivo tende a ser uma consequência de um conjunto de possibilidades do esporte e não a única.

A partir de uma proposta consciente e centrada na formação do indivíduo é possível ampliar as ações educativas do esporte. No entanto, como salienta Santin (1996), é importante sabermos qual o tipo de educação o esporte que ensinamos ou praticamos realiza.

É oportuno dizer que a maioria das obras produzidas até hoje na Esgrima não negligenciaram os aspectos educacionais em suas propostas. Arkayev (1976), por exemplo, evidencia esta preocupação, ao dizer que aEsgrima contribui para a saúde do aluno, por meio do desenvolvimento das qualidades morais e físicas, para o aperfeiçoamento da sua técnica, de sua conduta pessoal, seu controle emocional e seus hábitos higiênicos.

Notamos, no entanto, que, mesmo havendo uma preocupação educacional no ensino, a maioria das propostas se organizava somente sob critérios comportamentais, com ênfase no aprimoramento das capacidades físicas, esperando que os benefícios educacionais fossem alcançados naturalmente pelo fato de a criança já praticar a modalidade. Em verdade a prática esportiva sempre irá trazer uma série de benefícios para formação do indivíduo, pois, como afirma Paes (2001). o esporte já é rico por natureza, em virtude da sua diversidade de significados e re-significados, porém, devido à falta de definições mais claras, em relação aos

seus aspectos pedagógicos, o esporte também pode conduzir a vários caminhos, sendo o da performance o mais comum.

Coelho (2000), ao abordar o rendimento precoce no âmbito dos Jogos Desportivos, diz que este elemento deve ser entendido com devida relativização, tanto no adulto como na criança, pois cada fase da vida permite explorar certo nível de rendimento, estando tais condições dependentes do desenvolvimento maturacional e não da idade. Portanto, como frisa o autor, não é sensato e também não produz grandes efeitos direcionar o ensino para o fim único de obter resultados precoces, pois as chances de os mesmos serem alcançados são limitadas.

[...] nas crianças e jovens, a necessidade de relativização do conceito de rendimento implica que os critérios de avaliação deste, mais do que centrados nos resultados desportivos devam privilegiar os resultados da aprendizagem. A associação dos resultados desportivos à aprendizagem evidencia a importância relativa dos primeiros e perspectiva-os, assim, como uma consequência natural da aprendizagem (Coelho, 2000, p. 146, grifos nossos).

Neste sentido, entendemos que os profissionais da Esgrima, sejam monitores, técnicos ou Mestres D'Armas, podem priorizar a seleção e as intenções voltadas para a vitória em suas práticas, no entanto, isso não significa que o aluno e as necessidades fundamentais para o seu desenvolvimento nas esferas cognitivas, motoras, afetivas e sociais, devam buscar somente os interesses do rendimento esportivo. A persistência sobre esta forma equivocada de ver o ensino na Esgrima evidencia desconhecimento sobre as ações maturacionais na criança e no jovem, pois negligencia o fato de determinados níveis de desempenho dependerem da estruturação das ações adaptativas, tanto do organismo como da própria aprendizagem.

Segundo Araújo (1997) o desporto deve ser visto de uma maneira mais abrangente por seu praticante, entendendo-o como um caminho para o autoconhecimento, a superação, a integração, a sociabilização e valorização pessoal, além de possibilitar ao indivíduo a oportunidade de posicionar-se diante das dificuldades oferecidas pela prática esportiva..

Já Miron (1995), ressalta que o universo social, existente na participação esportiva, permite a vivência de diversas qualidades relacionadas ao convívio social, como: a cooperação, o espírito de equipe e a camaradagem. Porém para chegarmos a tal dimensão, é necessário resgatar as potencialidades do jogo que expressa a dimensão lúdica no esporte e não as cobranças do rendimento tão comuns ao jogo competitivo.

De acordo com Paes (1992) há diferenças marcantes entre o jogo que acentua o espírito competitivo e aquele que sublima o caráter lúdico. O autor explica que o primeiro subordina-se às leis institucionais do esporte, prevalecendo a busca da vitória e do resultado, as regras da modalidade, a ênfase no treinamento técnico, entre outras ações. Ao contrário, no plano da dimensão lúdica, o jogo tende a se aproximar da festa, e como tal, permite a exteriorização do prazer e da alegria, com prioridade para a participação, socialização, lazer, educação e a introspecção de valores culturais.

Por sua vez, o jogo no qual propomos a Esgrima, como alertam Marcellino (1997) e Freire (2002), não é aquele que busca apenas servir como instrumento para facilitação de conteúdos didático-técnicos ou como mera distração, mas muito, além disto, como um catalisador de valores educacionais e humanos. Freire (2002, p. 87) ainda ressalta que a educação é um elemento inerente ao jogo, não sendo possível interpretá-la como um valor que pode ser agregado ou retirado do jogo, pois o jogo sempre será educativo, mesmo que ele esteja servindo como meio de aquisição de algum conteúdo pedagógico: o jogo [...] educa não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol; ele educa para que possamos ser mais gente, o que não é pouco.

A Esgrima encanta a criança ou o adolescente, não pela figura de algum atleta, mas pelas histórias de cavaleiros medievais, super-heróis de capa e espada. Por isto, é importante resgatar o prazer e a alegria do “faz de conta” com a Esgrima, pois ao aproveitarmos o vasto mundo lúdico da criança; nesse sentido, estaremos contribuindo para que ela se identifique e se apaixone pela modalidade, diminuindo as chances de ela perder o interesse em praticá-lo.

Ao situarmos a criança com deficiência no contexto da Esgrima, igual a toda criança normal, ela também irá expressar seus sentimentos e expectativas em relação ao seu aprendizado. A deficiência não vai impedi-la de praticar a Esgrima normalmente ou seguir no futuro para o alto rendimento, uma vez que os esportes e os atletas Paraolímpicos vêm gradativamente se aproximando das condições do Desporto Olímpico.

Porém, o papel educativo principal na intervenção da Esgrima para estas pessoas deve ser o de ampliar as suas condições de inclusão social e independência, a fim de oportunizá-lhe momentos de convivência e participação com outros indivíduos (NAZARETH, 2001).

A presença de um profissional da Esgrima, consciente das dimensões das pessoas com deficiência, irá ampliar as condições de aprendizado dos mesmos, no âmbito deste esporte. Temos claro que, num primeiro momento, a prática pedagógica, com pessoas com deficiência, poderá se apresentar um tanto difícil para o profissional da Esgrima habituado a trabalhar com pessoas não deficientes, porém com o passar do tempo ele verá que, em essência, o ensino da arte das armas brancas não difere tanto. No entanto, o sucesso pedagógico de seu trabalho dependerá da sua capacidade de mudar a sua visão de mundo em relação a essas pessoas e estar mais suscetível à adaptabilidade, pois, somente assim, terá condições de melhor adequar a sua intervenção às particularidades e especificidades de qualquer criança, seja ela deficiente ou não.

5.3) Benefícios da Esgrima para a pessoa com deficiência

Os benefícios propiciados pela Esgrima, apontados neste item, são aqueles já constatados por vários autores e pela nossa observação, durante esses anos de experiência na área.

Dentre as diversas possibilidades de inclusão social e reabilitação da pessoa com deficiência, o esporte é reconhecidamente uma das principais vias. Seja na perspectiva de atividade física, recreativa ou competitiva de alto rendimento, a prática esportiva naturalmente irá propiciar uma série de benefícios para essas pessoas, principalmente na esfera psicossocial.

No entanto, independente da forma, se o esporte for disponibilizado à pessoa com deficiência, é importante que ele atenda alguns aspectos como o

[...] desenvolvimento da auto-estima, melhoria da auto-imagem, estímulo à independência, interação com outros grupos deficientes ou não, vivências em situações de sucesso, superação com melhoria da autoconfiança, valorização pessoal, melhora da condição física, aprimoramento de capacidades físicas gerais e prevenção de deficiências secundárias. (CASTRO, 2005, p. 438).

Segundo Gorgatti e Gorgatti (2005), a pessoa com deficiência, e em especial a motora (*deficiência oficial da ECR*), devido a essa lesão, em sua maioria, a ser visível, costuma

ter vergonha de si e sentir-se pouco atraente. Com a prática esportiva estas pessoas potencializam a sua autoconfiança, começam a gostar mais de seu corpo e passam a superar obstáculos que antes eram encarados como impossíveis.

No caso específico da Esgrima, Thyhler e Midler (1980) afirmam que independe da idade, estatura ou peso este esporte é indicado a qualquer tipo de pessoa, sendo que a sua prática poderá contribuir para o aprimoramento das qualidades físicas, motoras, intelectuais e morais do indivíduo. Já Zatziorski in: Iglesias et. al. (2007) afirma que a Esgrima é um esporte de caráter compensável entre as diferentes variáveis que condicionam o rendimento. Tal condição faz com que este esporte possa ser praticado por qualquer pessoa, independente do seu perfil biotipológico.

Ao tratarmos da pessoa com deficiência, na Esgrima, e mais especificamente da ECR, um dos benefícios que a pessoa com deficiência poderá obter, com esse esporte, é a melhoria da suas condições psíquicas. De acordo com Adams et. al. (1985), a Esgrima consegue atuar nas emoções básicas, sendo um método ideal para aliviar a tensão nervosa e proporcionar sensação de independência e bem estar.

Iglesias et. al. (2007) afirma que, devido ao fato de a Esgrima se tratar de um esporte assimétrico, ela vai contribuir para o aprimoramento da lateralidade e do esquema corporal da criança. Além destas funções, o autor complementa dizendo que, em razão de o jogo da Esgrima compreender uma série de movimentos, mudanças de distância e de ritmos, tendo ainda que controlar um implemento (arma), outras capacidades acabam sendo desenvolvidas como: a coordenação geral e óculo-manual, o equilíbrio dinâmico e a noção espacial.

As capacidades, as quais Iglesias et. al. (2007) cita, são importantes principalmente para as crianças e jovens que tenham adquirido a deficiência há pouco tempo e estão reaprendendo a lidar com o seu “novo” corpo. Nesta fase estas pessoas têm muitas dificuldades de adaptação ao meio, por isso, a prática da Esgrima, além de ajudá-las, nesse processo, segundo Donnadieu et. al. (1978), vai auxiliá-las no processo de reeducação psicomotora e organização da estrutura funcional.

Já Martínez (1994) coloca que, em razão de a Esgrima exigir uma grande amplitude e velocidade dos movimentos, sem que para isso seja necessário empreender uma força exagerada, diversos efeitos fisiológicos podem ser alcançados com a sua prática. O autor

evidencia melhorias na capacidade cardiopulmonar, na nutrição dos tecidos orgânicos e na eliminação das toxinas pelo suor e urina.

Estas capacidades são de extrema importância para os esgrimistas que têm lesão medular, pois, dependendo do nível da lesão, muitos acabam apresentando dificuldades para respirar e eliminar a urina, devido à debilidades de alguns músculos que auxiliam nesses sistemas. Na Esgrima, as inclinações do tronco, sobre a cadeira de rodas, são uma constante, exigindo muito dos músculos do membro superior, com ênfase nos abdominais e oblíquos, o que pode auxiliar no trabalho do sistema circulatório e, principalmente no digestivo.

Para aqueles indivíduos com deficiências motoras, em especial com alguma amputação ou má formação congênita de membros inferiores, a Esgrima poderá ajudá-los na função de restabelecimento da marcha, pois, neste esporte, o esgrimista necessita aprender a controlar o eixo corporal em vários ângulos da ação, exigindo transferência de apoios e equilíbrio dinâmico e estático do tronco, durante os duelos.

Para as pessoas com algum tipo lesão na mão e sensibilidade cinestésica limitada, os trabalhos de controle da lâmina e condução da ponta da arma, podem, em certa medida, contribuir para melhoria e ação da mão afetada.

Contudo, entre todos os benefícios até então apontados, a socialização é a que mais poderá contribuir para vida destas pessoas, em especial para a criança. Para Nazareth (2001) apesar de a Esgrima ser um esporte individual, os trabalhos desenvolvidos nas aulas, em sua maioria são realizados de forma coletiva, situação que vai favorecer o diálogo e relações de convivência com todos os esgrimistas.

5.4) Bases metodológicas de ensino na Esgrima

Há duas formas de intervenção muito utilizadas na iniciação da Esgrima. A primeira parte da técnica para estrutura do jogo, no assalto. Os conteúdos técnicos são ensinados primeiro, começando pelos fundamentos até chegar ao jogo propriamente dito. Essa abordagem, nos últimos anos, vem sendo muito questionada quanto a sua efetividade prática, já que o aluno

apreende nas lições, um conjunto de movimentos e formas mecânicas de execução técnicas pouco aplicáveis à realidade do jogo algébrico da Esgrima (CZAJKOWSKI, 1972). Ao mesmo tempo, este método não vem sendo capaz de despertar o interesse e paixão pela modalidade, levando muitos alunos iniciantes a se desiludirem com a prática desse esporte.

Já a segunda forma de intervenção parte do jogo do assalto para dirigir-se ao ensino dos gestos e movimentos técnicos. Por este viés, o ensino se vê orientado por uma pedagogia da descoberta, onde o aluno é estimulado a refletir sobre suas atitudes no jogo, ou adaptar-se às respostas do companheiro, descobrir os movimentos para então poder refiná-los (ESEFEX, 1985). Sendo esta última abordagem, aquela que, no presente estudo, é sugerida como a mais adequada para a iniciação na ECR.

Ao pensarmos no processo de ensino, na iniciação da ECR, sugerimos que o trabalho se desenvolva a partir do ensino global para o específico, como propõe Gomes (2008). A partir de um estudo profundo sobre fenômeno- lutas e suas manifestações, esta autora propõe que o ensino destas atividades, na iniciação, se desenvolva a partir de uma dinâmica global para o específico que enfatize os princípios condicionais das lutas, a fim de transcender à linearidade dos sistemas de ensino fechado normalmente utilizados. Os princípios condicionais são constituídos pelos seguintes elementos: *contato proposital, fusão ataque/defesa, imprevisibilidade, oponente (s), alvo (s) e regras*.

Sob esse viés, a dinâmica do ensino é direcionada para a solução de problemas que possam surgir no campo do jogo; com isso, o aluno é submetido ao espaço da imprevisibilidade (realidade do jogo esgrimístico) e não ao ensino estanque do movimento técnico.

Para tanto, é importante que os conteúdos a serem ensinados nas aulas de Esgrima devam estar em consonância com as potencialidades do aluno com deficiência. Sendo que, para isto, sempre que possível, o professor deve oferecer atividades que fortaleçam o sentimento de competência, na realização da tarefa proposta. Na impossibilidade de realizar uma determinada tarefa, o sentimento de frustração poderá se manifestar devido à insatisfação com seu estado de pessoa de imagem diferenciada, limitando ainda mais o desenvolvimento do aluno com deficiência na Esgrima.

Apesar de não tratar especificamente da Esgrima, mais englobar esta modalidade ao contexto das lutas, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental

(1998) abordam as atividades de confronto e oposição de uma forma abrangente. Neste sentido, o ensino da construção dos gestos e ensino dos movimentos e ações técnicas e táticas da modalidade é contextualizado a partir da sua condição histórico-social. Temas como o sentido da prática, a razão do lutar (jogar), a relação entre a luta e violência, lutas e a mídia, práticas de lutas e violência, são temas que também tendem a ser discutidos nos conteúdos dessas atividades.

Assim sendo, entendemos que o ensino da Esgrima para pessoa com deficiência também deva compreender aspectos relacionados às suas condições de vida. Discussão de temas relacionados a atitudes de preconceito e discriminação, a falta de espaços com acessibilidade, leis e direitos que amparam a pessoa com deficiência, entre outros fatores, adquirem relevância no ensino da Esgrima para as mesmas. Com isto, a proposta de intervenção se amplia para conscientização do aluno, quanto a sua própria realidade diversa e complexa de pessoa não menos capaz, mas com demandas e necessidades diferenciadas. Os aspectos de ensino para prática da modalidade não perdem o seu sentido diante de tal proposta, mas se superlativiza como uma prática mais consciente e significativa para o sujeito.

A partir dos objetivos propostos por Turón (2000) na EC, adaptando-se para a ECR, os conteúdos relacionados à iniciação nessa modalidade devem ter os seguintes objetivos.

Objetivos gerais

- a) Desenvolver as capacidades físicas e motoras básicas, com ênfase na coordenação geral, flexibilidade e fortalecimento global;
- b) Aprimorar a expressão corporal e lateralidade corporal;
- c) Controlar e canalizar a agressividade;
- d) Estimular o espírito de grupo e trabalho em equipe;
- e) Discutir questões relacionadas à melhoria da saúde e das condições de vida, na sociedade, da pessoa com deficiência;

Objetivos específicos

- a) Abordar os antecedentes históricos e sociais da modalidade;
- b) Abordar as regras principais que normatizam o jogo na ECR;
- c) Conhecer os elementos básicos de arbitragem e condução do assalto;
- d) Abordar as especificidades dos materiais e adaptações dos equipamentos da ECR;

- e) Aprender os fundamentos técnicos básicos de deslocamento do tronco e ações de condução da arma;
- f) Desenvolver o pensamento tático, jogo estratégico e análise das situações do combate.

Por sua vez, já orientados por Beke e Polgar (1976), existem alguns princípios que devem nortear o ensino da Esgrima. Em nosso estudo, além da adaptação para a realidade da ECR, atemo-nos somente àqueles pontos que interessam ao ensino do aluno principiante.

Princípio da consciência: estabelece que o ensino contemple a compreensão daquilo que está sendo aprendido. O aluno deve saber o sentido e as possíveis aplicabilidades da tarefa, na realidade do assalto.

Princípio da demonstração: coloca que todo exercício deva ser explicado e demonstrado em suas variantes. O exercício pode ser apresentado em sua forma completa, dentro da realidade do assalto, para então ser ensinado em partes.

Princípio da regularidade: estabelece que o programa de aula necessita ser elaborada sob uma ordem uniforme e com uma vinculação lógica com a realidade do assalto.

Princípio da versatilidade: propõe que a prática da Esgrima não fique restrita a si mesma, mas esteja voltada para a promoção do indivíduo no âmbito da sua saúde e de seu bem-estar.

COMENTARIOS PEDAGÓGICOS

O princípio da regularidade deve estar adequado à realidade e ao desenho do jogo da ECR, assim é importante concentrar as atenções no ensino das ações que mais são utilizadas nesse esporte e que se correspondem diretamente com a realidade do duelo.

O *Ensino Individual, Aula Coletiva (em grupo) e Duplas de aluno (Aluno-mestre x aluno)*, são os três sistemas de intervenção mais utilizados no ensino da Esgrima (BEKE E POLGAR, 1976 e ARKAYEV, 1991). O Ensino Individual (Fig. 20) costuma ser

utilizado com atletas de alto rendimento, pois permite que o aprendizado se desenvolva de forma mais rápida e mais eficiente.



Figura 20: Aula individual.

Por outro lado, apesar da sua eficácia, a aula individual não é o sistema que melhor se adapta ao ensino de alunos iniciantes, quando se tem interesse de ampliar os aspectos lúdicos e a interação de grupo. Para isso, aulas coletivas e em duplas (aluno-mestre x aluno) são os dois sistemas mais empregados com iniciantes, sobretudo crianças e adolescentes, e, portanto, são as intervenções que melhor indicamos, no trabalho formativo com alunos com deficiência.

De acordo com Arkayev (1991) a forma principal de organização do trabalho com alunos iniciantes e o sistema que corresponde à Aula Coletiva (Fig. 21). Este sistema é muito eficaz quando temos uma classe com vários alunos iniciantes, que ainda não têm autonomia para trabalharem sozinhos.



Figura 21: Aula coletiva.

Dentro do processo de desenvolvimento da aula coletiva, Thirioux (1970) e Arkayev (1991) propões as seguintes orientações:

- a) Os objetivos devem estar claros e voltados para a educação física geral e para os componentes técnicos básicos do domínio da Esgrima (os fundamentos, colocação de toques, regras de segurança e outros).
- b) Dar condições para que haja um domínio sólido e consciente das práticas e das habilidades especiais.
- c) Dar ao ensino uma progressão gradual das habilidades a serem aprendidas.
- d) Consolidar a prática por meio da revisão do conteúdo da aula anterior, bem como determinar claramente o novo conteúdo que será ensinado na aula do dia.
- e) Aliar o ensino dos conteúdos da Esgrima ao conhecimento da própria deficiência do aluno.

De maneira geral, as aulas em duplas (aluno-mestre x aluno) (Fig. 22) se desenvolvem de maneira semelhante ao programa das aulas coletivas. No entanto, tratando especificamente desta forma de trabalho, Iglesias et. al. (2007) coloca que as dificuldades das tarefas no trabalho de duplas deve ter em conta duas primícias: a primeira refere-se à complexidade coordenativa, em que o aluno deve ter condições de realizar um exercício de forma concreta. A segunda refere-se ao nível de oposição (colaboração-oposição): o aluno-adversário deve estar em função do exercício.



Figura 22. Forma de trabalho no desenho Aluno-mestre x aluno.

A partir dessas duas primícias, este autor afirma que o nível de dificuldade das tarefas proposto para as duplas somente poderá ser elevado a partir do momento que seja comprovado que o objetivo da cada exercício foi alcançado. De todas as formas, é importante que a proposta de ensino contemple situações técnico-táticas que sejam adequadas as condições motoras e cognitivas do aluno.

COMENTARIOS PEDAGÓGICOS

Cabe salientar que a proposta de ensino na ECR, seja por meio das aulas coletivas ou em duplas, deve sempre privilegiar a perspectiva inclusiva (Fig. 23).



Figura 23. Aula coletiva na perspectiva interativa.

No trabalho interativo, é o programa de ensino que deve se adequar às condições do aluno e não o inverso. Da mesma forma os esgrimistas convencionais também devem ser preparados para receber o aluno com deficiência, a fim eliminar as atitudes de segregação inconsciente sobre este aluno, nas aulas de Esgrima.

É muito comum as atividades com os aluno com deficiência sejam realizadas de forma separada do aluno sem deficiência, nas salas d'armas, inclusive, poucas apresentam uma disposição mesclada das pistas de jogo da EC e os fixadores da ECR. Geralmente o que ocorre é que um pequeno espaço da sala d'armas passa a ser destinado aos fixadores da ECR, fazendo com que os alunos com deficiência se concentrem em um único espaço do recinto, separados dos alunos convencionais.

Cabe destacar que, quando propomos o trabalho interativo na Esgrima, buscamos seguir aquilo que Ríos (2006) propõe quando aborda a inclusão nas aulas de Educação

Física. Para esta autora, a inclusão envolve um processo de transformação, da metodologia a ser utilizada, das práticas dos profissionais envolvidos, bem como das estruturas físicas, a fim de se estabelecer um campo possível de aprendizado qualitativo que inclua a diversidade.

Lembramos, com isso, que a Esgrima para a pessoa com deficiência, vai surgir como um grande desafio, pois além de ela enfrentar o preconceito dos demais, em relação a sua imagem diferenciada, muitos acreditam que estas pessoas não têm competência para praticar este esporte, situação que, muitas vezes, conspira para que elas nem cheguem a entrar numa sala d'armas. Por outro lado, o simples fato de o aluno praticar a Esgrima, não significa que ele esteja incluído na dinâmica de trabalho com os demais alunos convencionais. Daí a importância de se considerar o aspecto inclusivo nas aulas de Esgrima, situação que solicita uma transformação profunda na metodologia adotada, nas práticas dos profissionais, dos materiais e das estruturas arquitetônicas das salas d'armas.

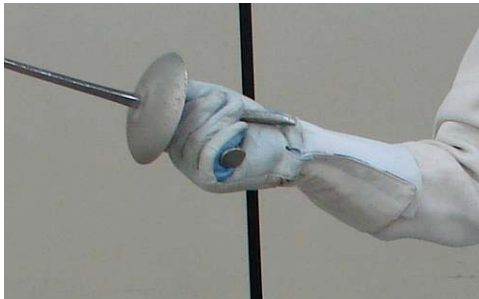
Um fator muito importante no trabalho de iniciação na Esgrima refere-se às questões de segurança. Cabe frisar que a ECR não é uma modalidade perigosa, porém igual a qualquer esporte: se o aluno não estiver devidamente equipado, as chances de ocorrer um acidente aumentam consideravelmente. No caso específico de aluno com deficiência, os cuidados se ampliam para os cuidados preventivos em relação à própria deficiência, pois, como diz Gomes (2008), a falta de informações sobre as particularidades e extensão da deficiência, pode conduzir a uma intervenção inadequada, podendo em alguns casos ampliar os problemas da lesão e, por consequência, prejudicar a saúde do praticante.

5.5) Fundamentos básicos da Esgrima em Cadeira de Rodas

Do ponto de vista de sua realização, os fundamentos (posições e movimentos) básicos da Esgrima são os mesmos, seja na convencional ou na em cadeira de rodas. No entanto, dado uso das cadeiras de rodas, na Esgrima adaptada, existem particularidades em relação aos fundamentos que são exclusivos deste esporte. As diferenças basicamente se dá na ausência dos deslocamentos de perna, uma vez que os esgrimistas duelam sentados em cadeiras de rodas que

não se deslocam. Assim, todo o jogo da ECR se concentra na movimentação do tronco e dos membros superiores.

Partindo da definição e atentando para os cuidados que se relacionam com a condição das principais deficiências, buscamos esclarecer, nesta seção, as particularidades de execução e realização dos principais fundamentos da ECR. Para tanto, temos como base de demonstração a modalidade de *florete* com um indivíduo destro.

Empunhadura da arma (Figs. 24, 25, e 26)	É a forma mais confortável e eficaz de segurar a arma para realização das ações de esgrima.	
 <u>Figura 24.</u> Posição clássica do punho anatômico sem a necessidade de adaptação.	 <u>Figura 25.</u> Adaptação da luva de esgrima	 <u>Figura 26.</u> Fixação da mão ao punho com cordão
<u>TÉCNICA DE EMPUNHAR A ARMA</u> Apoiar o polegar ligeiramente flexionado sobre o tronco central punho próximo à face interna do copo, o indicador deve-se se apoiar contrario ao polegar pela primeira falange. Os demais dedos deverão ser colocados juntos, flexionados ao redor do punho, atuando como elementos de força para reforçar a ação dos primeiros dedos. Os dedos deverão relaxar ou descontraír conforme o tipo de ação a ser empregada.		

Posição de guarda (Fig. 27)	É a posição fundamental que permite ao esgrimista estar preparado para executar todas as ações ofensivas, defensivas e contra-ofensivas sobre o adversário (ESEFEX, 1985).
--------------------------------	--



Figura 27. Guarda clássica da Esgrima em Cadeira de Rodas.

TÉCNICA DA GUARDA

Estando sentado na cadeira de rodas, o tronco do esgrimista deverá estar em posição ereta, com o dorso próximo ao apoio posterior da cadeira. O braço armado, com o cotovelo separado do corpo e antebraço quase na posição horizontal (+ ou - 150°) com a mão em supinação segurando a arma; o antebraço e lâmina da arma deverão formar uma linha reta, a ponta da arma na altura dos olhos. A mão desarmada deverá estar apoiada na barra de apoio da cadeira oposta à mão armada.

Afundo (Figs. 28, 29 e 30)	É definido como afundo, a extensão do cotovelo do braço armado apontando a arma para o adversário, seguindo da flexão lateral do tronco.
---------------------------------------	---



Figura 28. Afundo na posição 1



Figura 29. Afundo na posição 2



Figura 30. Afundo na posição 3.

TÉCNICA DO AFUNDO

Saindo da posição de guarda, consiste na ação coordenada de extensão completa do cotovelo do braço armado, seguido da flexão lateral do tronco em direção ao adversário (ação dos músculos abdominais e oblíquos). Estando a mão desarmada apoiada na barra de apoio, estender o cotovelo do braço de forma intensa, a fim de potencializar a execução afundo.

Retorno do afundo a guarda
(Figs. 31, 32, 33 e 34)

Configura o restabelecimento da guarda após realizar o afundo.



Figura 31. Retorno a guarda na posição 1.



Figura 32. Retorno a guarda na posição 2.



Figura 33. Retorno a guarda na posição 3.



Figura 34. Retorno a guarda na posição 4.

TÉCNICA DO RETORNO À GUARDA

A ação de retorno à guarda ocorre de forma inversa à execução do afundo. Os músculos abdominais e oblíquos devem se contrair para a recolocação do tronco na posição ereta em coordenação com a flexão do cotovelo do braço armado. No mesmo sentido, a mão desarmada deve assessorar o movimento de retorno do tronco flexionando o cotovelo do braço de forma intensa.

Inclinação do tronco atrás
(Figs. 35, 36 e 37)

Caracteriza-se como a flexão lateral do tronco em direção oposta à mão armada.



Figura 35. Inclinação lateral atrás na posição 1.



Figura 36. Inclinação lateral atrás na posição 2.



Figura 37. Inclinação lateral atrás na posição 3.

TÉCNICA DA INCLINAÇÃO ATRÁS

Tendo função semelhante a do romper na EC, a inclinação do tronco atrás, tem por objetivo evitar um toque adversário, realizar uma defensiva ou um contra-ataque.

Da posição de guarda e iniciando com a extensão do cotovelo do braço armado em direção ao adversário, o tronco deve se inclinar ao máximo atrás em direção oposta ao braço armado.

Inclinação frontal
(Figs. 38, 39 e 40)

Consiste na flexão abdominal com inclinação do tronco sobre as pernas com a extensão do braço armado em direção ao adversário.



Figura 38. Inclinação frontal na posição 1.



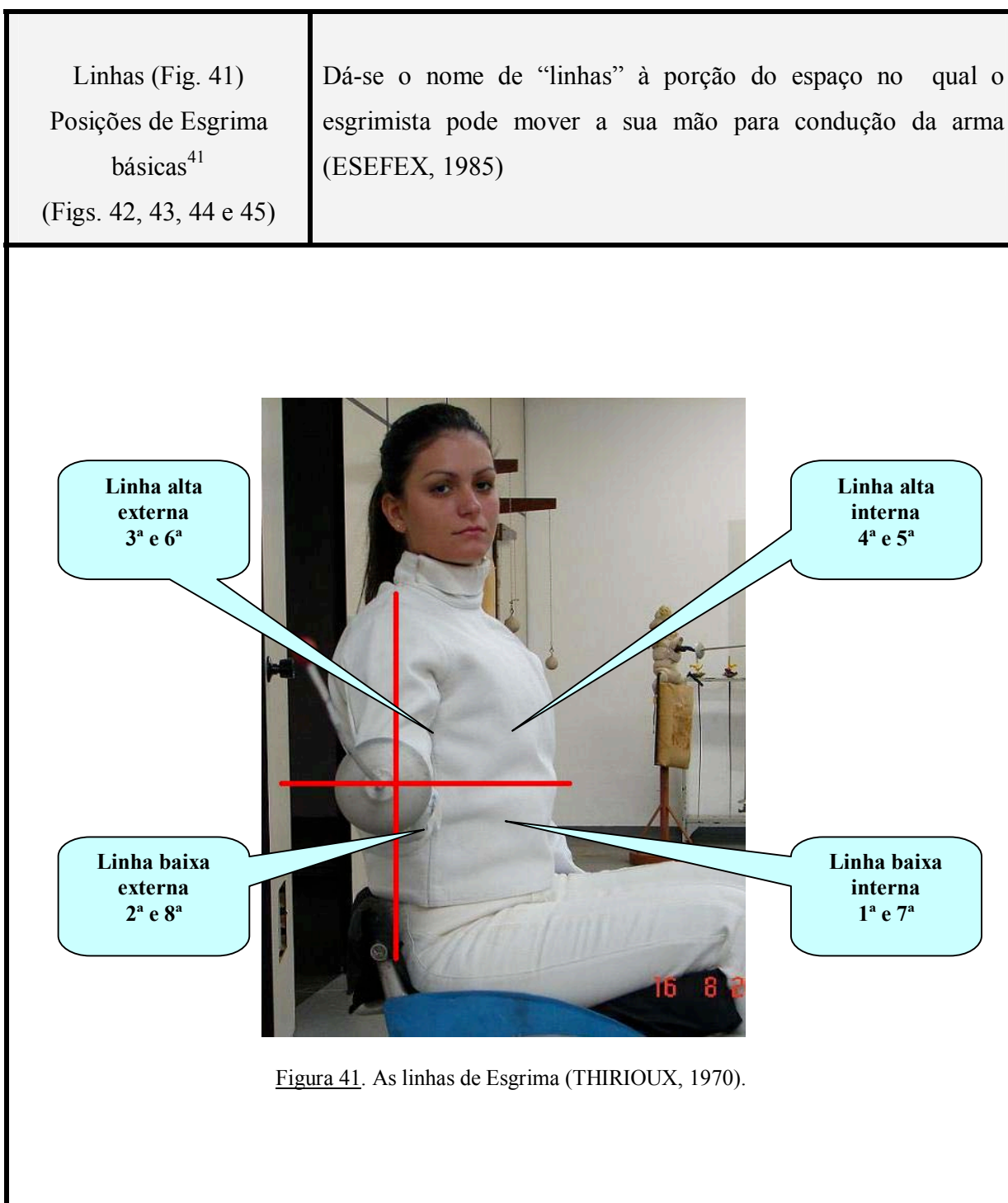
Figura 39. Inclinação frontal na posição 2.



Figura 40. Inclinação frontal na posição 3.

TÉCNICA DA INCLINAÇÃO À FRENTE

Semelhante à inclinação lateral, a inclinação à frente é realizado por meio da flexão do abdome ao mesmo tempo que o cotovelo do braço é estendido com o objetivo de tocar o adversário. Diferente do movimento anterior, a inclinação à frente costuma ser realizada em uma atitude de contra-ataque.



⁴¹ Na esgrima existem 8 (oito) posições de mão sendo duas para cada linha. No presente estudo apresentamos as 4 (quatro) posições mais utilizadas realizadas em supinação que são a 4º, 6º, 7º e 8º.



Figura 42. Posição de 6°.



Figura 43. Posição de 4°.



Figura 44. Posição de 8°.



Figura 45. Posição de 7°.

ESTUDO TÉCNICO DAS LINHAS E POSIÇÕES DE ESGRIMA

As linhas correspondem a um quadrante imaginário que representa os espaços onde o esgrimista pode apresentar e movimentar a sua mão nas 8 (oito) posições de esgrima. Em cada espaço do quadrante é possível realizar duas posições de mão, sendo uma em pronação e outra em supinação.

Paradas simples
(Figs. 46, 47, 48, 49)

É a ação de se defender que consiste em desviar ou deter com a arma em um único movimento a ação ofensiva do adversário (ESEFEX, 1985).



Figura 46. Parada de 6°.



Figura 47. Parada de 4°.



Figura 48. Parada de 8°.



Figura 49. Parada de 7°.

ESTUDO TÉCNICO DAS PARADAS SIMPLES

Segundo Villapalos (1993), as paradas simples na Esgrima são compostas por 4 variações de interceptações da arma adversa que são:

- a) A parada lateral: consiste na passagem da arma de uma linha alta (baixa) para a linha alta (baixa) correspondente ou vice-versa;

- b) A parada circular: realiza-se por meio de um círculo com a ponta da arma de forma que a lâmina retorne ao mesmo local de partida;
- c) A parada diagonal: consiste na passagem da arma de uma linha alta para uma baixa oposta ou vice-versa;
- d) A parada semicircular: consiste na passagem da arma de uma linha alta para uma baixa correspondente ou vice-versa.

5.6) Discussão dos fundamentos básicos na Esgrima em Cadeira de Rodas

Na ECR os esgrimistas que costumam ter problemas para empunhar a arma são aqueles que apresentam algum tipo de lesão na mão ou os alunos tetraplégicos. Como cada deficiência tem suas particularidades, é importante analisar cada caso, a fim de encontrar a melhor forma de adaptação da arma à mão do aluno. A adaptação, por sua vez, poderá ser realizada na própria luva, por meio de pequenas reformas em sua estrutura ou pela fixação da arma na mão do aluno com velcro, faixas cirúrgicas, barbantes ou outros acessórios semelhantes. Independente de qual procedimento seja adotado, a adaptação não pode impedir os movimentos ou prejudicar o fluxo sanguíneo normal do punho ou da mão do aluno.

Em relação à Guarda de Esgrima, deve ser dada uma grande atenção ao ensino da mesma, pois dela dependerão os demais movimentos e ações de jogo. No entanto, dada a variabilidade de cada deficiência e lesão, nem todas as pessoas têm condições de aprender e permanecer na Guarda comum, sendo necessário, em muitos casos, adaptá-la às condições funcionais do aluno. Deficiências que não comprometem a região do tronco como as amputações e más-formações congênitas não costumam limitar a realização da Guarda comum, mas tendem a comprometer a manutenção do equilíbrio na cadeira de rodas devido à falta de apoios, principalmente se a lesão é próxima a região pélvica. Já os esgrimistas com lesão medular, paraplégicos entre T1 - T9 e tetraplégicos, dependendo do nível, podem apresentar mais dificuldades na manutenção da guarda, devido à flacidez e dificuldades no controle e equilíbrio

do tronco. Pode-se, ainda, utilizar algum tipo de acessório para fixação do aluno à cadeira de rodas, como faixas com velcros ou acessórios similares.

Em alguns casos, as dificuldades em relação à manutenção da Guarda podem ocorrer por problemas na estrutura da cadeira de rodas. Deve-se dar atenção ao tamanho do assento da cadeira, pois sua dimensão deve estar adequada ao tamanho do quadril do aluno, a fim de evitar que ele fique deslizando sobre o mesmo, durante os combates. Da mesma forma, o aluno deve ser orientado a não ficar demasiadamente apoiado com o dorso no encosto posterior da cadeira de rodas. Em ambas as situações, o problema que geralmente ocorre é a fricção das regiões do corpo nestes locais o que, dependendo da intensidade, pode produzir alguma lesão cutânea sem que o aluno perceba, principalmente aqueles que têm lesão medular. Em todos os casos, para que o aluno consiga melhorar o seu desempenho para realização não somente da guarda, mais também de outros movimentos da modalidade, o ensino deve ser complementado com exercícios de fortalecimento da região abdominal e lombar.

O afundo, na ECR, é um movimento bastante complexo para a maioria dos esgrimistas com deficiência, pois, apesar de aparentemente ser um movimento simples, a sua execução exige grande esforço muscular e coordenativo, inclusive para as pessoas que não têm deficiência.

Os alunos com paraplegia entre T1 - T9, tetraplégicos e com acidente vascular cerebral, são aqueles que irão apresentar maiores dificuldades no aprendizado do afundo, devido à falta de controle da musculatura do tronco. Estes alunos têm dificuldades para manter a situação estática final do afundo, ocasionando o desequilíbrio do tronco e a queda da cadeira de rodas. Problemas semelhantes terão os alunos que utilizam próteses para controle do tronco e amputados coxa.

Também no ensino do afundo é importante que o professor conheça os limites funcionais do aluno, a fim de orientá-lo quanto à melhor forma de realizar este fundamento, para evitar que ele se acidente. Cabe, ainda, fortalecer outras estruturas técnicas, como as ações defensivas, contra-ataques e contratempos, como forma de compensar a pouca utilização dos ataques que, quase sempre, são realizados com afundo. Igual ao que ocorre na EC, o aluno deve ser orientado a empreender a maior potência possível na realização do afundo e sobre o trabalho de quebra de ritmo.

Já quanto à realização do retorno à Guarda, o elemento fundamental que irá ajudar neste processo é a ação do braço desarmado, pois é ele que executa a força contrária, no sentido de trazer o tronco a posição vertical. Para os esgrimistas que apresentam amputação do braço desarmado e acidente vascular cerebral, a ação de retorno à guarda tende a se apresentar duplamente complicada, uma vez que este trabalho passa a depender unicamente dos músculos do abdome.

Devido à distância de jogo na ECR não ser muito grande as, inclinações do tronco, tanto para trás como para frente, são muito utilizadas pelos esgrimistas cadeirantes, a fim de evitar um toque do adversário. A inclinação do tronco à frente é a que pode trazer algum acidente, pois, se o aluno não tiver bem fixado ao assento da cadeira de rodas ou não tiver boa musculatura para controle do corpo sobre a mesma, ele pode cair para frente. A preocupação com este tipo de acidente deve ser redobrada com os tetraplégicos, paraplégicos e pessoas com quadro de acidente vascular cerebral.

Quanto ao ensino, tanto das posições quanto das paradas (defensivas) de esgrima, apesar de haver um conjunto de normas sobre a realização técnica destes movimentos, na ECR é a deficiência e estado da lesão do aluno que irá oferecer os parâmetros de como as mesmas poderão ser executadas. Lembrando Sacks (1995), quando este autor nos fala quanto à capacidade criativa da pessoa com deficiência, para solução de problemas motores por vias não comuns, o modelo padrão perde o seu sentido, diante do que é possível ser feito com a funcionalidade existente. Portanto, caberá ao professor, em conjunto com o aluno, buscar o movimento mais adequado, confortável e eficaz para a realização das posições e defensivas da ECR.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo-se em vista que o objetivo principal do estudo foi o de caracterizar a Esgrima em Cadeira de Rodas (ECR), visando propor indicadores pedagógicos para intervenção de ensino na modalidade, pudemos chegar às seguintes conclusões, sobre as três áreas de discussão propostas na presente investigação:

Esgrima em Cadeira de Rodas no Brasil (2002 a 2008)

Os dados apontados no estudo demonstram que, a partir do ano de 2002, a ECR pode avançar de forma significativa nas suas estruturas de organização, no Brasil. Os trabalhos, realizados ao longo destes seis últimos anos, contribuíram para divulgação da modalidade junto às pessoas ligadas ao movimento paraolímpico brasileiro, aos profissionais na área de Educação Física e das próprias pessoas envolvidas com o contexto da Esgrima Convencional (EC) no país, permitindo, por consequência, o aumento do número de praticantes da modalidade no país.

Entre as diversas ações de desenvolvimento da ECR, dois eventos foram fundamentais para a implementação desta modalidade no Brasil: os seminários de capacitação, ocorridos nos anos de 2004 e 2008. Com isso, chegamos ao final do ano de 2009, com mais de 90% dos profissionais que trabalham com a Esgrima, orientados no ensino desta modalidade para pessoas com deficiência física.

Por outro lado, apesar de terem ocorrido vários avanços, a prática da ECR no Brasil continua restrita às associações esportivas envolvidas com a promoção da pessoa com deficiência, pois, nos clubes e academias, em que efetivamente existe a prática da EC, a presença de pessoas com deficiência, nesses núcleos, praticamente não existe. Diante de tal situação, afirmamos que há um longo caminho a ser percorrido para consolidação da ECR no Brasil. Para tanto, será necessário ocorrer maiores investimento nas estruturas organizativas da modalidade, com ênfase na ampliação dos trabalhos voltados para formação de novos profissionais, nas regiões onde a Esgrima não é conhecida, a fim de ampliar os pólos de prática em território nacional.

Características do esgrimista em cadeira de rodas

Buscamos, no presente trabalho delinear as características da Esgrima em Cadeira de Rodas, para tanto centramos as nossas atenções sobre as ações do fenômeno “adaptação” na formação desta modalidade.

De forma geral, as principais adequações ocorreram no âmbito das estruturas, mais especificamente em relação aos equipamentos. Para tanto, foi necessário desenvolver vários equipamentos específicos, bem como o ajuste daqueles já existentes, a fim de viabilizar a prática para a pessoa com deficiência física. Da mesma forma, tais adequações se estenderam para os procedimentos, como regras e regulamentos, sistema de organização das competições. Aliado a isso, foi desenvolvido um Sistema de Classificação Funcional específico para classificação dos atletas, sendo possível estabelecer condições justas de disputas entre os esgrimistas cadeirantes.

As adaptações também se ampliaram para espaço de jogo dos esgrimistas cadeirantes, pois, devido ao estado estático das cadeiras de rodas, a curta distância entre os atletas e a região válida de toque se concentrar nos membros superiores, houve a necessidade de adequar os elementos técnicos e táticos a tal realidade. Quanto ao espaço de jogo, os treinamentos, inclusive os próprios profissionais são os mesmos, seja na ECR, seja na EC.

Ao pensarmos na ampliação dos conhecimentos sobre a ECR e seus praticantes, buscamos ampliar as condições de aprendizado dessas pessoas, mas principalmente, desmistificar a idéia de que indivíduos com deficiência não têm condições de praticar normalmente essa modalidade.

Pedagogia de ensino na Esgrima em Cadeira de Rodas

É importante destacar que o jogo, no âmbito do duelo esportivo da Esgrima, é o mesmo, seja na adaptada ou na convencional. No entanto, dada a variabilidade e particularidade das deficiências, bem como as mudanças que podem ocorrer no organismo do indivíduo, devido às mesmas, ressaltamos que pensar o ensino na ECR somente a partir dos

modelos desenvolvidos na EC, com pessoas sem deficiência, pode, em certa medida, limitar o aprendizado dos primeiros.

Diante da percepção de tal realidade, no estudo em questão buscamos estabelecer o ensino da ECR, a partir da ótica e condições funcionais do próprio praticante com deficiência e não daquilo que é realizado na EC. Tendo em foco a iniciação da modalidade com jovens, configura-se como uma proposta preliminar, situação a qual vai exigir novos estudos mais aprofundados a respeito do tema.

Assim, ao tratarmos da pedagogia de ensino e aprendizagem na Esgrima, buscamos nos distanciar do mero propósito de fornecer informações a respeito de conteúdos técnicos, mas assumir o compromisso de pensar o ensino desta modalidade com uma perspectiva educacional. Para tanto, tentamos resgatar a dimensão lúdica, no âmbito do esporte, a qual valoriza o prazer do jogo que educa, em vez do treinamento que enfatiza a competição, seleção e perfeição da técnica.

Trazemos, à tona, a perspectiva integrativa nas aulas de Esgrima, a fim sensibilizar os profissionais deste esporte, quanto à importância dos procedimentos e estratégias de ensino a serem organizados para participação de todos os praticantes da Sala D'Armas, sejam com ou sem deficiência.

Em relação aos cuidados em relação à deficiência, buscamos orientar o professor quanto às atitudes que devem ser observadas no ensino dos fundamentos da Esgrima dentro das especificidades de cada aluno e sua deficiência. A idéia, com as questões abordadas, busca não apenas prevenir a ocorrência de acidente, mais potencializar as condições de aprendizado, bem como contribuir para qualidade de vida da pessoa com deficiência, por meio das dimensões de existência desse esporte.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, R. C. et. al. *Jogos, esportes e exercícios para o deficiente Físico*. (3. ed.) Tradução de Ângela G. Marx, São Paulo: Manole, 1985.

ARAÚJO, P. F. *Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade*. 1997. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

ARKAYEV, V. A. *La esgrima*. Tradução de Israel Afonso, Habana: Pueblo y Educación, 1991.

AZEVEDO, W. A Esgrima no Rio de Janeiro. *Revista de Educação Física - EsEFEx*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 34, 1936.

BASTOS, J. A. História da Esgrima no Brasil. *Revista de Educação Física - EsEFEx*, Rio de Janeiro, n. 4, sem paginação, 1933.

BEKE, Z.; POLGAR, J. *La Metodologia de la esgrima con sable*. Tradução de Eduardo Portela Cruz, Habana: Orbe, 1976.

BUENO, E. *A viagem do descobrimento: A verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CAMPOMONES, J. G.; SÁNCHEZ, V. N. Esgrima. *Comité Olímpico Español e Real Federación Española de Esgrima*. Madrid, 1993. p. 196 – 203.

CANTARINO FILHO, M. *A Educação Física no Estado Novo: História e Doutrina Brasileira*. 1982. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 1982.

CARMO, A. A. *A sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina*. 1989. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

CASTRO, E. M. Desenvolvimento da locomoção de crianças surdas: uma análise quantitativa do andar e do correr. In: *Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 9-18, dez. 2000.

_____. (Org.). *Atividade Física Adaptada*. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. (5 ed.) São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CIDADE, R. E. A.; DE FREITAS, P. S. *Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

COELHO, O. Pode a passada ser maior que a perna? Júlio Garganta (Org.). *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade de Porto, 2000. p. 145-154.

COLARES, L. da S. Esgrima - de arte da guerra a esporte, uma passagem pelo exército brasileiro. *Revista de Educação Física – EsEFEx*. Rio de Janeiro, n. 123, p. 04 – 08, 1998.

CZAJKOWSKI, Z. Enseñanza y perfeccionamiento de la acción de esgrima con miras a su utilidad y aplicación en el combate. In: *Sport Wyczynowy*, Polonia, v. 9, n. 1, p. 9-14, 1972.

DIAZ, J. A. R. *Fundamentos pedagógicos y fisiológicos del entrenamiento de los esgrimistas*. Habana: Científico-Técnica, 1984.

DONNADIEU, J. et. al. *L' Escrime*. Collection Connaissance et Technique. (2ª. ed.), Paris: Denoël, 1978.

DUARTE, E. Adaptação e a pessoa portadora de deficiência. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 2001, Curitiba. *Anais*. Curitiba: UFP, 2001. p. 35-36.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. *História da Esgrima*. Rio de Janeiro: EsEFEx, [1985].

FEDERATION INTERNATIONALE D'ESCRIME. *Règlements pour les épreuves*. 2004. Disponível em: <<http://fie.ch/Fencing/Rules.aspx>>. Acesso em 15 de março de 2009.

FIGUEIREDO, A. J. de.; FONTES, A. S. *Breve introdução à história dos colégios militares no Brasil*. Rio de Janeiro, 1958.

FIGUEIREDO, C. (Org.). *Mestres de armas: Seis histórias sobre duelos*. Tradução de Cláudio Figueiredo, Rubens Figueiredo e Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FONSECA, A. M. A motivação dos jovens para o desporto e os seus treinadores. Júlio Garganta (Org.). *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade de Porto, 2000. p. 155-174.

FONTOURA DOS ANJOS, A. M. *A inserção da esgrima no currículo da escola nacional de educação física e desportos (1939-1974): Uma perspectiva histórica*. 2004. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Instituto de Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2004.

FREIRE, J. B. *O jogo: entre o riso e o choro*. Campinas: Autores Associados, 2002.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. *O ensino dos jogos desportivos*. 3 ed. Porto: Universidade de Porto, 1995.

GOMES, M. S. P. *Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: Contextos e possibilidades*. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GONSALVES, E. P. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alínea, 2001.

GORGATTI, M. G; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In. GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. *Atividade Física Adaptada*. São Paulo: Manole, 2005. p. 483 – 519.

IGLESIAS, X. R.; RODRÍGUEZ, F. A. Caracterización de la frecuencia cardíaca y la lactatemia en esgrimistas durante la competición. In: *Apunts*, Barcelona, v. XXXII, p. 21 – 31, 1995.

IGLESIAS, X. R. et. al. Valores en guardia. In: *Apunts*, Barcelona, p. 35 – 53, (1ª trimestre), 2007.

IGLESIAS, X. R. et. al. Oxygen uptake and heart rate during standing and wheelchair fencing in able-bodied fencers. In: IGLESIAS, X. (Org.). *Fencing, Science & Technology*. Barcelona: INEFC, 2008.

IRANYI, P. Técnica y táctica en esgrima. In: *Leistungssport*, v. 3, n. 6, p. 418 – 423, 1973.

KELER, V. e TYSHLER, D. A. *El entrenamiento de los esgrimistas*. Traduzido por Luisa Hidalgo Pupo, Habana: Científica Técnica, 1984.

KUNZ, E. Esporte e processos pedagógicos. In: MOREIRA, V.; SIMÕES, R. (Org.) *Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

LACAZE, P. *En garde: Du duel à l'escrime*. Paris: Gallimard, 1991.

LAFON, J. C. *A deficiência auditiva na criança: incapacidade e readaptação*. Traduzido por Maria Therezinha Musa Cavallari e Ana Clotilde Thomé, São Paulo: Manole, 1989.

LA PEÑA, F. de O. Preparación física del tirador de esgrima. *Comité Olímpico Español e Real Federación Española de Esgrima*. Madrid: 1993.

LOHMANN, L. ;ÁVILA, R. T de. Esgrima. In. L. Da Costa (Org.). *Atlas do Esporte do Brasi..* Rio de Janeiro: Confef, 2006. p. 251 – 252.

MANOEL, E. J. O estudo do comportamento motor da pessoa portadora de deficiência: Problemas e questões. In: *Revista Brasileira de Saúde*, São Paulo, v. 3/4, n. 4, p. 11-22, 1996.

MARCELLINO, N. C. *Pedagogia da animação*. (2 ed.) Campinas: Papirus, 1997.

MARINHO, I. P. Formação do pessoal especializado no Brasil e a Escola de Educação Física do Exército. *Revista de Educação Física – EsEFEx*. Rio de Janeiro, n. 71, 1952.

_____. *História Geral da Educação Física*. (2 ed.). São Paulo: Ed. Brasil, 1980.

MARTÍNEZ, A. V. Esgrima en silla de ruedas. In: Comité Olímpico Español. *Deportes para minusválidos físicos, psíquicos y sensoriales*. Madrid: Carácter, 1994. p. 196–203.

MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

MESQUITA, I. Modelação do treino das habilidades técnicas nos jogos desportivos. In: Julio Garganta. (Org.). *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Porto: Universidade de Porto, 2005.

MIRON, E. M. *Avaliação de um programa de iniciação ao voleibol, aplicado em grupo de deficiente auditivo*, 1995. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Instituto de Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1995.

NAZARETH, V. L. *Proposta de ensino básico da esgrima para adolescentes surdos*. 2001. 236f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

NAZARETH, V. DUARTE, E. IGLESIAS, X. R. Preliminary study on the combative behavior of wheelchair fencers. In: INTERNATIONAL CONGRESS ON SCIENCE AND TECHNOLOGY IN FENCING, 1^a., 2008, Barcelona, *Anais*, Barcelona: INEFC, 2008. p. 44-46.

PAES, R. R. *Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol*. Campinas: Unicamp, 1992.

_____. *Pedagogia do esporte e os jogos coletivos*. Campinas: [s.n.], 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Educação Física*, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PEÑA, F. O. Preparación física del tirador de esgrima. In: *Comité Olímpico Español e Real Federación Española de Esgrima*. Madrid, 1993. p. 255 – 291..

PÉREZ-REVERTE, A. *O mestre de esgrima*. Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

POPELIN, D. *Escrime : Enseignement et entraînement*. Paris : Amphora, 2002.

PROMARD, J. *Escrime de Spectacle*. Paris: Archimbaud, 1993.

REGLAMENTO DEL MANUAL DEL COMITÉ PARAOLÍMPICO INTERNACIONAL. *Esgrima en silla de ruedas*. 2004. Disponível em: <http://paralimpicos.sportec.es/publicacion/ficheros/File/reglamento_esgrima.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2009.

REVENU, D. *Iniciation a l'escrime*. Paris : Vigot, 1985.

SACKS, O. *Um antropólogo em marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÁNCHEZ-ELVIRA, L. J. Sable: Técnica, táctica y estudio de la metodología de su enseñanza. In: *Comité Olímpico Español e Real Federación Española de Esgrima*. Madrid, 1993. p. 143 – 187.

SANTIN, S. Princípios do esporte educacional In: Augustus S. Barbieri & Ari Fernando Bittar (Org.). *Esporte Educacional: uma proposta renovada*. Recife: UPE-ESEF. MEE/INDESP, 1996. p. 47 – 69.

SOLÀ, J. S. Estudio funcional del saber deportivo para la comprensión de la táctica. *Apunts*, Barcelona, 4º trimestre, p. 26 – 35, 2005.

_____. Caracterización Funcional de la táctica deportiva: Propuesta de clasificación de los deportes. *Apunts*, Barcelona, 4º trimestre, p. 36 – 44, 2005.

THIRIOUX, P. *Escrime Moderne*. Paris: Amphora, 1970.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. *Método de pesquisa em atividade física*. (3 ed.). Tradução de Ricardo D. S. Petersen. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TURÓN, Y. M. *Iniciación a la esgrima*. Colección iniciación deportiva, Imagen y Deporte: Zaragoza, 2000.

TYSHLER, D. A.; MIDLER, M. P. *La preparación psicológica del esgrimista*. Traduzido por Yolanda Toscano Ferrer, Habana: Orbe, 1980.

VAS, B. B. Aspectos logísticos da Guerra Paraguai (1864 – 1870): Algumas considerações. In: *I Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa*, São Carlos. UFSCar, 2007. p. 1-15.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. C. DA C.; KHOURY, Y. M. A. *A pesquisa em história*. (2a ed.). São Paulo: Ática, 1989.

VILLAPALOS, J. B. Florete. *Comité Olímpico Español e Real Federación Española de Esgrima*. Madrid: 1993.

YÑIGUEZ, E. *Ofensas y desafíos*. Madrid: Atocha, 1890. (Recopilação de livro original).

ZATSIORSKI, V. M. *Metodologia desportiva*. 1989. apud Iglesias et. al. *Valores em Guardia*. Apunts, p. 35 – 53, 1ª trimestre, Barcelona: 2007.

ANEXOS

(ANEXO A)

Protocolo do comitê de ética

Andamento do projeto - CAAE - 0478.0.146.000-07				
Título do Projeto de Pesquisa Análise do comportamento técnico de esgrimistas em cadeira de rodas: deficiência física, funcionalidade e desempenho no duelo esportivo.				
Situação	Data Inicial no CEP	Data Final no CEP	Data Inicial na CONEP	Data Final na CONEP
Aprovado no CEP	10/09/2007 15:43:29	06/11/2007 11:30:48		
Descrição	Data	Documento	Nº do Doc	Origem
1 - Envio da Folha de Rosto pela Internet	05/09/2007 16:00:56	Folha de Rosto	FR155330	Pesquisador
2 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List)	10/09/2007 15:43:29	Folha de Rosto	0478.0.146.000-07	CEP
3 - Protocolo Pendente no CEP	26/09/2007 09:36:43	Folha de Rosto	646/2007	CEP
4 - Protocolo Aprovado no CEP	06/11/2007 11:30:48	Folha de Rosto	646/2007	CEP

APÊNDICES

(APÊNDICE – A)

CUESTIONARIO DE INVESTIGACION DEL ATLETA



Este cuestionario forma parte de un estudio científico de doctorado en Educación Física en el área de Actividad Motora Adaptada que viene siendo desarrollado por el investigador Valber Lazaro Nazareth en la Universidad Estadual de Campinas – UNICAMP (Brasil) con la tutoría del Prof. Dr. Edison Duarte y el apoyo del co-tutor Prof. Dr. Xavier Iglesias Reig del Instituto Nacional de Educación Física del Cataluña – INEFC (Barcelona, España).

El presente estudio tiene el siguiente objetivo: Analizar un posible perfil de comportamiento combativo del esgrimista en silla de ruedas a partir del tipo de discapacidad, desempeño funcional y su adaptación táctica en el duelo deportivo.

Destacamos que por razones éticas, las informaciones recogidas en esta investigación serán utilizadas solamente para análisis académicas, siendo que él entrevistado será tratado de forma anónima y la suya identidad será preservada.

I. DATOS PERSONALES

Nombre			
Fecha de nacimiento			
Dirección			
Población		C.P.	
Teléfono			
e-mail			

II. EN RELACION A SU DISCAPACIDAD

Tipo de discapacidad	
Nivel de la lesión	
Causa y edad de adquisición de la discapacidad	
¿Por qué empezó hacer la esgrima?	

III. VINCULACIÓN CON LA ESGRIMA

Club o entidad deportiva	
Desde cuando practica la esgrima	

Resultados más significativos		
Nivel (Internacional/Estatal/Regional)	Resultado	Año

Modalidades que participa					
Florete		Espada		Sable	

Clasificación funcional IWFC
Categoría: A () B () C ()

IV. POSIBLES MODIFICACIONES DE LA PRÁCTICA DE LA ESGRIMA

1. ¿Dentro de la suya categoría cuál es la discapacidad que tu tienes más dificultad de tirar?

2. ¿Cambias tu forma/estilo de tirar en función de la discapacidad de tu adversario? Si () No ()

Si la respuesta es afirmativa, responda las siguientes consideraciones

3. ¿Por qué cambias su forma de tirar en función de la discapacidad del adversario?

Partiendo de una escala de 1 hasta 5, donde la nota más alta es 05 (cinco) y la más baja es 1 (uno), señala en cada línea correspondiente a uno comportamiento técnico la puntuación que crees ser la más apropiada para cualificar la efectividad do referido comportamiento frente las respectivas discapacidades.

ESCALA DE PONTUACIÓN

5	4	3	2	1
siempre	generalmente	as veces	pocas veces	nunca

I. ATAQUES SOBRE LA PREPARACIÓN

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomiélitis	5	4	3	2	1

II. ATAQUES SOBRE EL RETORNO A LA GUARDIA

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomiélitis	5	4	3	2	1

III. MANTENERSE ATRÁS PARA DEFENDER E CONTESTAR

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomielitis	5	4	3	2	1

IV. ENFATIZO LOS ARRESTOS Y ESQUIVAS

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomielitis	5	4	3	2	1

V. ENFATIZO LAS REMISAS Y REPRISES

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomielitis	5	4	3	2	1

VI. TRABAJO MÁS LAS PREPARACIONES SOBRE LA HORRA DEL ADVERSÁRIO PARA ATACAR

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1

f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomiелitis	5	4	3	2	1

VII. REALIZO MÁS INCLINACIONES DEL TRONCO Y CAMBIOS DE RITMO EN LA SILLA DE RUEDAS

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomiелitis	5	4	3	2	1

VIII. UTILIZO MÁS EL APOYO DEL BRAZO DESARMADO PARA EJECUTAR EL FONDO Y VOLVER A LA GUARDIA

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomiелitis	5	4	3	2	1

IX. ENFATIZO LAS ACCIONES DE SEGUNDA INTENCIÓN

DISCAPACIDAD	PONTUACIÓN				
a) Amputación	5	4	3	2	1
b) Malformación congénita de miembros inferiores	5	4	3	2	1
c) Lesión medular	5	4	3	2	1
d) Accidente vascular cerebral	5	4	3	2	1
e) Parálisis cerebral	5	4	3	2	1
f) Espina bífida	5	4	3	2	1
g) Poliomiелitis	5	4	3	2	1

Muchas gracias por su colaboración.

Valber Lazaro Nazareth⁴²

⁴² Doutorando da Faculdade de Educação Física na área de Atividade Física Adaptada e Saúde da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Brasil. Telefones para contato: 055 19 3562-3341 e 055 19 9719-1367.

(Apêndice – B)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reconheço que este questionário refere-se ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa de doutorado em Educação Física na área de Atividade Física Adaptada e Saúde, que ora vem sendo realizado pelo pesquisador Valber Lazaro Nazareth sob a supervisão do Prof. Dr. Edison Duarte na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e co-orientação do Prof. Dr. Xavier Iglesias I Reig do Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha – Espanha.

Tendo como título: **Análise do Comportamento Técnico de Esgrimistas em Cadeira de Rodas: Deficiência Física, Funcionalidade e Desempenho no Duelo Esportivo**, o presente estudo tem por objetivo descrever e analisar o comportamento combativo de esgrimistas em cadeira de rodas a partir do tipo de deficiência e nível funcional.

A justificativa para a este estudo deve-se a ausência de investigações acadêmicas no campo do desporto Paraolímpico e em especial na esgrima em cadeira de rodas. No caso, há uma carência de propostas, informações e orientações de intervenção de ensino e aprendizagem que possibilitem a ampliação dos meios inclusivos da pessoa com deficiência na prática deste esporte. A idéia central deste estudo é contribuir para a ampliação das propostas de acessibilidade e facilitação pedagógicas de ensino da esgrima direcionadas a estas pessoas. Para tanto, este questionário visa obter informações para a pesquisa em questão, sendo 20 perguntas dissertativas e de múltiplas escolhas.

As perguntas deste questionário foram elaboradas com o intuito colher somente informações específicas no contexto da esgrima. Sendo que, por razões éticas, as informações obtidas no questionário serão utilizadas somente para fins acadêmicos, de forma que o entrevistado será tratado de forma anônima e sua identidade será

preservada. Por sua vez, o mesmo terá plena liberdade de, a qualquer momento, desistir de participar da pesquisa, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo.

Compreendendo e concordando com as informações precedentes, bem como tendo discutido os riscos e benefícios decorrentes desta pesquisa junto ao pesquisador responsável e sabendo que quaisquer dúvidas que possam vir a surgir, serão esclarecidas pelo mesmo⁴³, declaro ter interesse em participar da pesquisa em questão.

Entrevistado: _____

RG: _____

Em caso de eventuais denúncias poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp⁴⁴.

_____, ____ de _____ 2007

Assinatura do entrevistado

⁴³ Contatos do pesquisador responsável: (19) 3562-3341 ou (19) 9719-1367, e-mail: valbernazareth@uol.com.br.

⁴⁴ Contatos do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Barão Geraldo, Cep. 13084-970, Campinas – SP, Tel/Fax: (19) 3521-8936, e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

(APENDICE – C)

**ARTIGO ORIGINAL DO ESTUDO PILOTO
PUBLICADO EM INGLÊS**

1ST

International Congress on
**SCIENCE
and TECHNOLOGY
in FENCING**

1^{er} Congreso Internacional de
Ciencia y Tecnología de la Esgrima
Febrero 15, 16 y 17 - Barcelona 2008

1^{er} Congrès International de
Science et Technologie de l'Escrime
Février 15, 16 et 17 - Barcelone 2008

1^{er} Congrès Internacional de
Ciència i Tecnologia de l'Esgrima
Febrer 15, 16 i 17 - Barcelona 2008



**FEBRUARY
15, 16 and 17th
BARCELONA
2008**

www.esgrima.cat/barcelona2008

Congress site
INEFC - BARCELONA

Organized by:



FEDERACIÓ
CATALANA
D'ESGRIMA



INEFC

Generalitat de Catalunya

Institut Nacional
d'Educació Física
de Catalunya

BOOK OF ABSTRACTS

Preliminary study on the combative behavior of wheelchair fencers

^{1,2}VALBER LAZARO NAZARETH, ²EDISON DUARTE, ³XAVIER IGLESIAS

¹ Brazilian Air Force Academy -AFA-

² Adapted Physical Activity and Health, Physical Education College at the State University, Campinas - Unicamp, Brasil

³ Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya -INEFC-, Barcelona, Spain

Correspondence to:

valbernazareth@uol.com.br

Keywords:

Fencing, Adapted Physical Activity, Disability

I. Introduction

Characterizing itself as a pilot study for a doctorate research that has been developed in the area of Adapted Physical Activity and Health, entitled Analysis of the Technical Behaviour of Wheelchair Fencing: Disabilities, Functionality and Performance in Sporting encounters, this essay is a preliminary analysis on the combative behaviour of wheelchair fencers, and, therefore, was aimed at assessing whether it is common in this sport for the athletes to tactically use the functional deficits of the opponent's disability.

The variability of deficiencies and its consequences vis-à-vis their functional limitations brought to the area of wheelchair fencing a dimension for the emergence of new movements and ways of technical execution, as well as strategies for problem solving. This situation would be better understood through the adaptive competence of the individual with disabilities in solving the motor dilemmas through unusual motor ways. (Manoel, 1996, p. 15)

In a three year observational study carried out at international competitions, one of the most important aspects that emerged regarding the tactical attitude of the disabled fencers during bouts was that we noticed that the best athletes, when confronting opponents in the same fencing level but with a distinct disability, seemed to use the opponent's disability weaknesses when fighting in the same category.

Taking into consideration that the disabilities are very different as regarding the difficulties which the individual may or may not have to face in the motor and/or cognitive



Book of Abstracts
1st International Congress on Science and Technology in Fencing
Barcelona, 15-17 February 2008

sphere, we developed the hypothesis that when gathering several fencers with distinct disabilities in the same group, this situation may provide conditions for the emergence of combative strategies based on the opponent's motor disability.

II. Methods and materials

In first instance we tried to examine the relevance of accomplishing an investigation like this and evaluate the variables that could influence the process of collecting data and testing the instrument (pre-questionnaire). This would be reformulated and applied later in the field work for the doctorate research.

The questionnaire used in this essay has 06 (six) open questions and 03 (three) closed ones. In this case, 10 (ten) athletes were interviewed, 05 (five) men and 05 (five) women, with an average age of 35 years old, 03 (three) were fencers in Category B and 07 (seven) in Category A. We made this survey during the Spanish National Wheelchair Fencing Tournament that took place in Seville in Andalusia.

In the data analysis we adopted a qualitative line through progressive and interactive theorization of the subjects' responses.

III. Results and discussion

The data in this analysis confirmed the previous hypothesis. The results showed that of 10 (ten) interviewed athletes, 08 (eight) of them said that they take into account the disability and the opponent's motor limitations to when preparing their strategy for a bout and consequently used their disability tactically. However, we must emphasize that, due to the reduced sample of interviewed people, the results of this study cannot be considered conclusive or as common for all wheelchair fencing athletes.

According to Czajkowski (1972, p. 73) it is only possible to realize something in the face of what is known and understood, "*... the better the fencer knows and understands the fencing actions in relation to the tactic interdependence, the better he will notice and understand the tactical situation on the track.*"

Therefore, we are seeking to develop the perception of the opponent's disability in wheelchair fencing regarding their functional mobility conditions and supports for moving themselves on the wheelchair, as well as their strength, speed and coordination in relation to the injured limbs (pictures 1 and 2).

Among these fencers, particularly, there is a consensus that it is not the type of disability or injury that will determine the success in the bout, but the physical preparation and the tactical-technical potential of the athlete. But they do not exclude the importance of the information regarding the opponent's disability and injury when structuring a bout.

IV. Final considerations

The results of this essay presented a basic idea about the combative behaviour of disabled fencers. This pre-analysis offered important information which has meant the reformula-



Book of Abstracts
1st International Congress on Science and Technology in Fencing
Barcelona, 15-17 February 2008

tion of the aims of the present doctorate investigation that from now on intends to promote a pedagogical proposal of teaching and learning of fencing aimed specifically for disabled people.

V. References

- Czajkowski, Z. (1972) Enseñanza y perfeccionamiento de la acción de esgrima con miras a su utilidad y aplicación en el combate. *Sport Wyczynowy*, 9 (1), 9-14.
Manoel, E. J. (1996) O estudo do comportamento motor da pessoa portadora de deficiência: Problemas e questões. *Revista Brasileira de Saúde Escolar*, 5, 11-22.

Illustrations



Picture 1: Category A / Amputation of both ankles and left wrist. (lack of the left hand support and both feet).



Picture 2: Category A / Medullar Lesion level L1 (relative strength of abdominal muscles and full left hand support).